EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS

BARCELONA 1929

Cristina Ferreira de Almeida

Texto
Cristina Ferreira de Almeida

Revisão de Texto
Fernando Milheiro

Design Gráfico
Luis Chimeno Garrido

Coordenação de Edição
Fernando Luís Sampaio

Coordenação de Produção
Diogo Santos

Fotocomposição, Selecção de cor e Fotolitos
Facsimile, Lda.

Impressão
Seleprinter, Sociedade Gráfica, Lda.

Créditos Fotográficos
Arxiu Fotogràfic/Arxiu Històric de la ciutat de Barcelona.
Fotos de Carles Rodès.
As fotografias da página 45 foram cedidas pela Fundação
Mies van der Rohe, a quem agradecemos na pessoa
do seu director, Lluis Hortet. Fotos de Pau Maynès ©.

Depósito Legal
92794/95

ISBN 972-8127-21-9

Tiragem
2 000 exemplares

Lisboa, Outubro de 1995

Uma Edição

I

AS CONTRADIÇÕES DE UMA ÉPOCA

A primeira exposição internacional de Barcelona realizou-se em 1888. Vinte anos depois começou a ser planeada a segunda, destinada a ter por tema a indústria eléctrica. Não fosse a Primeira Guerra Mundial e a segunda exposição universal da cidade teria possivelmente acontecido logo no início do século XX. Assim, acabou por ser relegada para 1929. No espaço que medeia o planeamento e a concretização da exposição as mudanças internas em Espanha foram velozes. Os anos de 1929 e de 1930 são de charneira entre diferentes modelos de sociedade. A Espanha desta época está percorrida de convulsões internas. Na Exposição Internacional de Barcelona, o Estado procura dar de si mesmo uma imagem de força e estabilidade. Atributos já bastante fragilizados aquando da inauguração da exposição. À distância, as aspirações políticas e sociais que guiaram a construção da mostra assumem traços grossos, quase caricaturais. Mas que não devem esbater o que a exposição também teve de esforço ingénuo e espontâneo. Feito mais a pensar num momento preciso do que no que dele ficaria para o futuro. Respondendo a aspirações profundas e a convicções enraizadas.

De grande impacto mediático, a Exposição Internacional de Barcelona de 1929 é peculiar, tanto pelo momento político em que foi realizada como pela ligação que representou entre a Catalunha, tradicionalmente rebelde, e o poder central de Madrid. Na história de Barcelona, o período temporal entre as duas exposições é de forte crescimento económico, por um lado, e de grandes revoltas por outro. O expoente da revolta foi o ano de 1909, que ficará na história da Catalunha marcado pela chamada "Semana Trágica", durante a qual a maior parte das igrejas e dos edifícios do Estado foi destruída.

Foi de Barcelona que, em 1923, saiu o ditador Primo de Rivera para tomar o poder em Madrid. A exposição, que o general queria como prova de força e recuperação da sua imagem pessoal, acabaria por ficar associada ao canto do cisne do chefe do governo, obrigado a demitir-se meses antes das portas dos pavilhões se fecharem.

A época que se seguiu à Primeira Guerra Mundial registou grandes avanços no campo da ciência e da técnica. A confiança no progresso era nessa altura ilimitada. A indústria florescia. Na região de Barcelona, anteriormente já muito industrializada, emergia uma classe de forte poder económico, mas sofrendo uma atrofia herdada

de relações tortuosas com o poder central. De facto, este sempre se aproximara de Barcelona mais para a conter do que para proteger.
A realização de uma exposição internacional nesta data funcionou para esta burguesia como um canto da sereia: impedida historicamente de aspirar a tomar o rumo do interior, projectava agora lançar-se nos mercados internacionais.
No meio da euforia e da projecção que Barcelona atingiu durante a exposição, o *crash* da Bolsa nova-iorquina caiu como um balde de água fria. A grande recessão que se abateria sobre os Estados Unidos teria mais tarde consequências muito gravosas para a Europa. No curto prazo, teve o efeito de dar razão a um receio ancestral comum às sociedades fechadas: o de que a marcha acelerada do progresso e da economia, afinal, sempre conduzia ao inferno.
Em termos políticos, o derrube de Primo de Rivera não significou uma opção de regime. Aliás, as ditaduras, apoiadas no delírio nacionalista, eram na época um seguro contra as incertezas do futuro. Em Portugal, no ano da exposição, Salazar já desde há um ano estava instalado na cadeira do poder, da qual só viria a cair em 1968. Na Itália, Mussolini já reinava em fascismo desde 1922 e se o Terceiro Reich só seria proclamado quatro anos depois da exposição fechar as suas portas e o regime autoritário de Dollfuss só tomaria conta da Áustria dois anos depois do fecho da exposição, imperavam já os regimes autoritários de Pilsudski na Polónia desde 1926, de Kemal na Turquia desde 1923 e de Nagybanya na Hungria desde 1920.
Em termos culturais e científicos, os anos 20 viviam a febre dos movimentos modernistas, que chegaram a todas as áreas do saber e do fazer em definitiva ruptura com o que o século XIX produzira. Mas, apesar de conter um núcleo de arte moderna, a filosofia geral da Exposição de 1929 contrariava e optava, à excepção de algumas ilhas, por um conservadorismo exaltante a que, a nível arquitectónico, se chamou novecentismo.
Todas as contradições da década – neste ano a Espanha atingira o ponto máximo de afastamento dos consensos – tiveram na Exposição Internacional de Barcelona o seu postal ilustrado. Os frágeis laços que uniram a vertigem da técnica a modos de vida medieval, o conflito entre o liberalismo e a necessidade de um Estado protector e planeador, o grande crescimento económico e a multidão de novos miseráveis desenraizados do campo, tudo parece agora surgir claramente nesta exposição, pensada para exaltar as realizações e a força de um país afinal dividido.

1929 EM WALL STREET

O ano de 1929 ficará na história do Ocidente como o ano do grande abalo no capitalismo. O *crash* da Bolsa de Nova Iorque, com repercussões gravíssimas e indeléveis na sociedade americana – a Grande Depressão – e também na Europa, tem causas específicas que são apontadas pelos analistas e que genericamente desembocam na ideia de que o que correu mal deveu-se, não a uma perversão intrínseca ao modelo capitalista, mas sim a uma série de perversões adjacentes que foram envenenando a pureza do modelo.

O mercado das acções americano vivera um período próspero durante os anos 20, com uma única excepção na especulação fundiária na Florida. Esse episódio, no entanto, não chegou para assustar os investidores e em meados da década as oscilações nas cotações de Wall Street iam interessando a um público cada vez mais numeroso, ansioso pelo rápido enriquecimento. As subidas das cotações na Bolsa de Wall Street eram seguidas com a emoção que despertavam as finais de basebol.

O aumento constante e vertiginoso dos valores das acções fixou-se a partir de 1927 e teve como impulsionador a General Motors. Os principais protagonistas da euforia que se desencadeou giram em torno desta empresa: John J. Raskob, um dos directores da G.M. a quem se devem as declarações mais optimistas sobre o aumento de cotações esperado para a G.M.; William Crapo Durant, que fora afastado da G.M. em 1920 e conseguira enriquecer graças à especulação bolsista; irmãos Fisher, cuja fortuna derivava da venda das suas fábricas, eram também discípulos da G.M.; o canadiano Arthur C. Cutten, que enriqueceu graças aos cereais. Estes homens formavam o núcleo duro impulsionador da dinâmica de Wall Street em 1927.

Em 12 de Junho de 1928 foram transaccionados mais de cinco milhões de acções na Bolsa de Nova Iorque, o que constituiu a ultrapassagem de uma marca mítica. Esse valor viria a ser sucessivamente ultrapassado no segundo semestre do ano.

Estas "subidas ruidosas" das cotações, na expressão feliz de John Kenneth Galbraith, começaram a parecer preocupantes a alguns analistas mas estes eram encarados, no meio da euforia geral, como velhos do Restelo.

São os indicadores de quebra na economia americana, como a quebra dos índices de produção, que lançam as sementes do descrédito. A 24 de Outubro de 1929 treze milhões de títulos foram postos à venda numa manhã na Bolsa de Wall Street. Caíam assim

bruscamente as cotações, artificialmente mantidas inflacionadas pela especulação desde há anos. Alguns bancos conseguiram ainda reestabelecer bases mínimas comprando acções ao desbarato, mas nos dias seguintes o pessimismo vencia.
A queda dos valores arruinou muitos especuladores. Mais do que isso, como a especulação operava com base no crédito, encheu-os de dívidas. Muitos bancos de pequena dimensão fecharam as portas e a falta de crédito paralisou a produção e restringiu o consumo. Rapidamente, a Europa foi arrastada pela crise, já que desde a guerra eram os capitais americanos a sua principal fonte de financiamento.
Além do desastre económico que representou, o *crash* da Bolsa de Nova Iorque teria repercussões na Europa ao nível de uma imagem de progresso e de capitalismo florescente. A América, até aí, aparecia como o arquétipo de uma sociedade pujante, com uma economia vibrante. A Europa recuperava ainda o fôlego perdido durante o primeiro conflito mundial. À industrialização com base nas possibilidades abertas pela utilização de energia eléctrica, anterior ao conflito, juntava-se uma série de inventos, técnicas e descobertas científicas que certificavam a ideia de um mundo em velocidade acelerada, de um progresso deslizante. Nas sociedades mais fechadas, este surgia também como ameaçador. Um arauto do fim dos tempos.
Esta dualidade está bem patente na Exposição Internacional de Barcelona de 1929 cortada a meio, em termos temporais, pelo desaire de Wall Street.

O IMPARÁVEL PROGRESSO

Em Agosto de 1926, a Warner Bros projectou pela primeira vez um filme sonoro. A experiência foi feita no Teatro Warner de Nova Iorque e consistiu numa sincronização em disco chamada Vitaphone. O Vitaphone foi conseguido através de técnicas estudadas e desenvolvidas pela Electrical Research Products, filial da Western Electric, vinculada à American Telegraph and Telephone, que dependia do grupo Morgan. A banda sonora é puramente musical, não há ainda vozes no cinema.
No mesmo ano, dois físicos japoneses inventam a antena que terá o nome de um deles, Yagi, e que, pelas qualidades de recepção que apresenta passa a ser usada para recepção de sinais de televisão.
Edwin Howard Armstrong propõe, em 1927, o princípio da modulação de frequência na transmissão de programas radiofónicos. Isto

significa que se passou a variar a amplitude de frequência da onda portadora seguindo o ritmo da frequência da comunicação. As transmissões em FM requerem a utilização de 150 kHz mas apresentam uma qualidade sonora muito maior, uma vez que são eliminadas perturbações e ruídos secundários.

Em 1929, a BBC de Londres inicia emissões televisivas experimentais. No mesmo ano, o relojoeiro norte-americano Warren Alvin Marrisson inventa o relógio de quartzo, que permite medir o tempo com grande precisão e reduzir o grau de desvio. O efeito é conseguido utilizando cristais de quartzo, cujas oscilações são transformadas numa corrente de frequência constante.

No ano anterior é comercializado e utilizado na indústria um novo metal duro criado pela empresa Krupp de Essen e feito a partir de uma fusão de cromo, volfrâmio e titânio. O novo metal duro chama-se widia e começa por ser utilizado como serra para ferramentas de corte. Consegue-se assim atingir velocidades de corte inéditas.

Também em 1928, o bioquímico Albert Szent-Gyorgi consegue, a partir de extractos vegetais e de glândulas adrenalínicas, uma substância a que chama ácido ascórbico, que mais tarde demonstra ser idêntico à vitamina C. Estuda também os compostos que participam na decomposição dos hidratos de carbono para dar lugar a dióxido de carbono e água. Estes trabalhos viriam a possibilitar a compreensão da totalidade do ciclo do ácido cítrico, ou de Krebs, uma das actividades essenciais das células dos organismos vivos. Szent-Gyorgi receberia em 1937 o Prémio Nobel da Medicina e da Fisiologia.

Em 1927, o físico alemão Julius Lihenfeld deduz, a partir de bases puramente teóricas, o funcionamento do transístor de efeito de campo, estabelecendo assim uma base importante para o posterior desenvolvimento da técnica dos semicondutores e o princípio do transístor.

O electroencefalograma é inventado em 1929 pelo psiquiatra alemão Hans Berger e permite medir as correntes cerebrais.

A primeira locomotiva diesel de grandes dimensões é construída na Alemanha em 1929 e destina-se aos Estados Unidos.

Também na Alemanha, em 1929, é construída – pela Miele – a primeira máquina de lavar pratos eléctrica para uso doméstico.

No campo da aviação, a década de 1920 assistiu a todo o tipo de experiências e novidades. O maior hidroavião do mundo faz o seu primeiro voo no dia 25 de Julho de 1929. O hidroavião chama-se *Do X* e é fabricado pela fábrica alemã Dornier. Três meses depois do

A Exposição de Barcelona quis ser a montra
do progresso e da modernidade.

voo ianugural, o *Do X* bate o recorde de transporte aéreo de pessoas, levando 158 passageiros e 11 tripulantes. Estas e outras inovações da ciência e da técnica estiveram presentes na Exposição Internacional de Barcelona de 1929.

Se a ideia inicial da Exposição de Barcelona estava centrada nas indústrias eléctricas, os sucessivos adiamentos provocaram uma banalização da utilização desta energia na indústria. De tal forma que a ideia de modernidade subjacente à realização de exposições inter-

nacionais já não se coadunava com o projecto de ter a energia eléctrica como *leitmotiv*. No entanto, esta ideia não chegou a ser substituída por outra mais "moderna". O que aconteceu é que o tema da exposição se tornou mais ambicioso e abrangente e foi aumentado o seu âmbito geral. Apesar disso, as indústrias eléctricas viriam a constituir um dos núcleos centrais da exposição e o Palácio das Indústrias seria um dos mais importantes edifícios do recinto.
Curiosamente, depois do desaire da Bolsa de Nova Iorque este palácio seria também o mais saqueado – muitos industriais necessitaram de reaver as importantes maquinarias que aí se expunham. O gover-

no espanhol e a municipalidade preocuparam-se em ocupar os espaços vagos com outro tipo de peças. Assim, quando em Julho de 1930 a exposição foi finalmente encerrada, o núcleo industrial estava perfeitamente descaracterizado. Mais um sinal da época de charneira que se vivia.

TENDÊNCIAS DO MODERNISMO

As gerações seguintes instituíram o termo modernismo para descrever os movimentos artísticos e culturais que surgiram no início deste século e que se destacaram, na época, pela ruptura com o que vinham sendo as tradições culturais herdadas do século XIX.
Na pintura, significava ultrapassar o impressionismo. Uma das formas de que nesta área se revestiu o modernismo foi o chamado pós-impressionismo, simbolizado por um núcleo de pintores franceses ou sediados em Paris como Gauguin, Picasso dos primeiros anos, Cézanne e Matisse, entre outros. O pós-impressionismo teve como ponto alto, na altura, as exposições de 1910 e 1912 na Galeria Grafton de Londres. Outra forma de modernimo foi o cubismo, desenvolvido por Picasso e George Braque em Paris, entre 1907 e 1914. Destacando a natureza bidimensional da pintura, o cubismo apresenta em simultâneo diferentes facetas do seu objecto. Nos anos 20, o cubismo iria influenciar muitos pintores bem como escultores e arquitectos. O surrealismo e o dadaísmo são outras formas de que o modernismo se reveste.
Na escultura, o modernismo traduziu-se basicamente na rejeição da longa tradição greco-romana e na procura de novas formas.
A abertura das portas do inconsciente e do subconsciente, operada primeiro por Freud e depois continuada por Jung, mostrou novos modos de percepção da realidade. Como tal, influenciou a produção artística e também literária. Os seus efeitos são visíveis sobretudo na poesia, que se liberta de espartilhos de forma. Os conceitos de id, ego e superego, regressão, identificação e sublimação alteram de forma fundamental a percepção quotidiana do início do século.
Um dos campos onde o modernismo deixou mais marcas foi na arquitectura. A pompa e o eclectismo deram lugar à pureza de linhas e à funcionalidade. A escola de Arte e Design fundada em Veimar em 1919, Bauhaus, é um dos expoentes do modernimo na arquitectura. Dirigida por Walter Gropius, mudou-se para Dessau até ser encerrada pelos nazis em 1933. O manifesto da sua fundação apelava para a

Os edifícios construídos para a Exposição reflectiam as tendências arquitectónicas mais arrojadas da época.

unidade das artes criativas sob a batuta da arquitectura. Esta baseava-se na consciência da natureza dos materiais e nas suas relações conceptuais, produzindo linhas geométricas e puras que influenciaram decisivamente, não só a arquitectura, como o *design* industrial dos anos 20.

Outra escola de arquitectura de realce no modernismo é a do suíço Le Corbusier – Charles-Édouard Jeanneret. Expoente do ferro concreto, o trabalho de Le Corbusier é bastante influenciado pelo cubismo num sentido brutal e maciço. Devem-se-lhe as Unités d'Habitations de Marselha e de Chandigar, capital do Penjabe. Apesar da enorme influência da sua obra, alguns dos trabalhos que deixou ao nível de cidades planeadas revelaram-se desastrosos, tal como os de Sheffield, em Inglaterra, e tiveram que ser demolidos.

Em 1927, o arquitecto alemão Ludwig Mies van der Rohe atinge grande notoriedade com desenhos para vivendas do bairro residencial de Weissenhof, em Estugarda. Van der Rohe é um autodidacta que surpreende pela perspectiva tridimensional das casas que projecta e nas quais utiliza betão armado e vidro, conseguindo um efeito de leveza. Mais tarde, a sua arte vai ser depurada no sentido do estruturalismo. Na exposição do bairro residencial de Estugarda, que o projectou internacionalmente, participaram os maiores arquitectos da época, enquadrados no modernismo: Le Corbusier, Walter Gropius, Peter Behrens, Hans Poelzig, Jacobus Johannes, Pieter Oud, Hans Scroun e Max Taut.

Muitas das realizações do modernismo foram durante muito tempo rejeitadas pelos gostos da classe média da época, para quem o termo

"arte moderna" era pejorativo. A Exposição de Barcelona, ao contrário do que poderia esperar-se, não favoreceu as correntes modernistas ao nível da arquitectura. O único dos artistas citados que esteve representado foi Ludwig Mies van der Rohe, autor do pavilhão alemão. A Espanha da época albergava alguns dos protagonistas de maior alcance de diversas correntes modernistas, mas o que acabou por vingar na exposição foi um conservadorismo repescado. Para desfasamento da Exposição Internacional de Barcelona em relação às correntes inovadoras suas contemporâneas concorreu, sobretudo, a conjuntura de política interna.

BARCELONA NO INTERLÚDIO MONÁRQUICO

Depois de tantos adiamentos da Exposição de Barcelona, a Espanha de 1929 acabaria por ter duas exposições simultâneas. A de Sevilha e a de Barcelona. Esta duplicação é atribuída ao general Primo de Rivera, que assim esperava acicatar os ânimos dos capitalistas de Barcelona, que exigiam ao governo central uma maior participação financeira nas pesadas despesas da sua Exposição Internacional.

Don Miguel Primo de Rivera e Orbaneja demonstrou conhecer bem o carácter dos homens ricos de Barcelona. Fora de lá que partira em Setembro de 1923, como capitão-geral da Catalunha, para tomar Madrid. Seis anos depois a ditadura do general era já um fardo pesado para o país e as convulsões nas universidades, nas regiões autonomistas e em alguns sectores do exército conspiravam contra ele.

Em 14 de Abril de 1929, António Ferro publicava no *Diário de Notícias* uma entrevista feita em Madrid a Primo de Rivera. E descreve o ambiente até chegar ao ditador: "Antes de chegar a Madrid, através da Galiza, através de Leon, através de Castela, eu senti, de facto, uma atmosfera carregada, soturna, inflamada de boatos, ouvi o tinir das espadas desembainhadas, a ameaça espectral do «Quem vem lá...» Em Madrid, dizia-me essa atmosfera, não se podia falar, não se podia sorrir, não se podia cruzar uma rua, não se podia dar um passo sem um passo vigilante no seu encalce... Madrid, porém, recebeu à gargalhada o meu perfil desconfiado, a minha cautelosa máscara. Cheguei num dia claro, num dia sem sombras, sem mal-entendidos. Madrid estava na rua, como sempre."

Ferro vai ao encontro do ditador, que caracteriza como um espanhol da tertúlia, simpático e familiar, e passa a mensagem que este faz

questão de endereçar a Portugal: "Sigo, de longe, atentamente, a obra admirável do actual governo do seu país, a obra de fomento e a obra financeira", diz o general, enaltecendo o momento amistoso das relações entre os dois países. António Ferro arrisca a pergunta difícil sobre a preocupação que se vive em Portugal acerca da situação no regime espanhol. Rivera é orgulhoso na resposta: "Não lhe escondo que há um sector do país, um sector insignificante, que se mostra descontente com a minha obra, uma obra que seria falhada se agradasse a todos. Esse sector, porém, interessa-me, convém-me, porque tem um papel a desempenhar. É a minoria indispensável para demonstrar a força da maioria."

A resposta quanto à possibilidade de se ter evitado os confrontos nas universidades é lapidar: "Impossível! Tinha chegado o momento de dar uma lição aos que duvidavam da força da ditadura, a essas chamadas classes intelectuais que se julgam intangíveis, que pretendem substituir-se ao governo. Estavam habituados a uma ditadura mole, de panos quentes, a uma ditadura sorridente e generosa. Mas a verdade é que a ditadura é um processo cirúrgico de se salvar as nacionalidades enfermas, uma cicatrização forçada. Tenham paciência. Já que assim o querem, hão-de senti-la. O que arde... cura."

Um mês depois desta conversa era inaugurada a Exposição Ibero-Americana de Sevilha. Estiveram presentes vinte e dois países ibero-americanos além de Portugal, Brasil e os Estados Unidos. Coordenada pelo arquitecto Aníbal Gonzales, a mostra era composta por zonas para acolher os países participantes e algumas salas temáticas, tais como a da história de Sevilha e história ibero-americana e arquivo do duque de Veragua.

A Exposição Internacional de Barcelona seria inaugurada dez dias depois da de Sevilha. Tanto numa como noutra receberam no primeiro dia os reis de Espanha e o general Primo de Rivera. Na de Barcelona participaram cerca de vinte países, excluídos à partida os ibero-americanos representados em Sevilha.

Ambas as exposições pretendiam mostrar o importante desenvolvimento interno que a Espanha vinha a conseguir. A expressão oficial do governo estabelecia os propósitos: "Das exposições há-de resultar o auge comercial do dia de amanhã e uma corrente de turismo constante e metódico de futuro." O general Primo de Rivera, sobretudo, investia no espectáculo que Espanha assim dava ao mundo para tentar recuperar a sua imagem desgastada, alvo de críticas constantes na imprensa internacional. Este seria o esforço final do general, que a 28 de Janeiro de 1930 apresentou a sua demissão e do seu

governo a Afonso XIII. O seu afastamento seria também, mais uma vez, o prenúncio de tempos difíceis para a monarquia espanhola, cujo segundo ciclo tinha já morte anunciada. Mas para se entender este momento que a Espanha vivia é imprescindível recuar na História e assistir à chegada ao trono do pai de Afonso XIII.

Quando Afonso XII se tornou rei, a monarquia em Espanha conheceu um entusiasmo que desde há cerca de um século não sentia. Até mesmo a Catalunha foi esfuziante e, com a queda da capital dos carlistas em 1876, a Espanha entrou num período de paz. Esta paz interna seria consolidada dois anos mais tarde na maior frente externa espanhola: Cuba. Tornava-se nessa época evidente que o separatismo cubano não poderia ser esmagado pela via militar, e a opção política foi a de acalmar os ânimos dos Cubanos com a promessa de uma maior autonomia.

Republicanos e liberais espanhóis reviram-se na Constituição de 1876, deliberadamente conciliatória em termos políticos e religiosos. Nela estava contemplada a liberdade de credo e uma maior tolerância religiosa. As cortes, que passaram a ter um carácter misto, podiam ser dissolvidas apenas pelo rei e a sua dissolução teria que ser seguida de constituição de novas cortes no prazo máximo de três meses. Esta Constituição, que reforçava o poder do governo central – para desespero dos Bascos – esteve em vigor até ao segundo colapso da monarquia, em 1931.

Durante vinte anos o líder conservador e o líder liberal – Cánovas e Sagasta – alternaram no poder de forma pacífica.

Em termos económicos, a situação do país mantinha-se no entanto preocupante. Não só a guerra civil e a guerra de Cuba tinham depauperado o Orçamento de Estado como a colecta de impostos, em certos anos, não se revelava suficiente para, sequer, pagar os custos da sua recolha. A classe mais afectada pelos impostos foi a camponesa, que iniciou grandes movimentos migratórios para a América e África. Mas foi nas universidades que se gerou o maior pólo de inquietação, pretendendo afirmar uma maior independência em relação à Coroa e à Igreja. Uma discussão que se estendeu às duas maiores forças políticas.

Ao longo destes anos, Afonso XII foi polémico em duas ocasiões: quando em 1883 visitou a Alemanha, esfriando assim as relações da Espanha com a França e, dois anos depois, quando interveio contra o seu governo na questão da liberdade de comércio e do proteccionismo, colocando-se do lado da Catalunha, que pretendia um mercado protegido para os seus produtos industriais.

Quando o rei morreu, com vinte e sete anos, o problema da sua sucessão foi crucial para o regime durante seis meses. É que o rei apenas tivera filhas do seu casamento com a rainha Maria Cristina da Áustria, mas a rainha viúva estava grávida e, meio ano depois, em 1886, nasceu Afonso XIII, nascido rei.
A rainha foi uma regente sóbria e ponderada até Afonso XIII ter idade para ocupar o trono. Começou por convidar Sagasta para formar governo. Este reafirmou o sistema sufragista e em 1890 estabeleceu o princípio do sufrágio universal a partir dos vinte e quatro anos. Mas uma das reformas que Sagasta não teve força para impor foi a do afastamento dos militares da esfera política. O exército fora responsável pela instauração da república e pelo regresso à monarquia. A sua penetração na área política era inalienável. Um caso exemplar é o da exigência feita pelos generais de julgamento em tribunal marcial nos casos de litígio entre o exército e a imprensa.
Em 1890, Cánovas substituiu Sagasta e levou a efeito as primeiras eleições sob o princípio sufragista que o seu adversário político estabelecera. Dois anos depois, enquanto decorriam as celebrações dos quatrocentos anos da Descoberta da América por Colombo, dá-se em Espanha a primeira greve de mineiros em Bilbau, de bandeira socialista, e o primeiro atentado bombista em Barcelona.
Barcelona vinha a tornar-se o principal centro espanhol do anarquismo. As ideias de Bakunine propangandeavam-se fertilmente no terreno dos grandes latifúndios agrários e Barcelona começara a ser desde há muito a cidade de refúgio para os camponeses esfomeados da Catalunha, sobretudo os de Múrcia depois das grandes cheias de 1879. Os ideais anarquistas foram transportados por esta mole humana que começou a ocupar a cidade e aí proliferaram no meio industrial. Buscavam a promoção da liberdade individual e catalisavam a ancestral rebeldia para com o poder de Madrid. A partir de 1888, o anarquismo em Barcelona juntou as suas forças às da Confederação Nacional do Trabalho, o sindicato mais forte da cidade. Acentuou-se aqui o fosso profundo que durante meio século iria dividir os trabalhadores espanhóis em dois campos opostos: Catalunha e o anarco-sindicalismo; Madrid e Castela e a aposta nas soluções nacionais.
Declarada a bancarrota do Estado por Cánovas, Sagasta tentou pela primeira vez aprovar um orçamento realista, com um forte aumento na carga tributária, mas a reacção foi tão violenta que ele acabou por desistir. No último mandato de Cánovas reacende-se a guerra de Cuba, desta feita com proporções dramáticas. Em 1897, Cánovas é assassinado em consequência da dureza da sua política para com os

anarquistas de Barcelona e Sagasta finalmente concede autonomia a Cuba e Porto Rico. Esta concessão, para a atitude impaciente que os Estados Unidos já tinham revelado quanto à solução para Cuba, veio tarde de mais: a explosão de um cruzeiro americano em Havana foi o pretexto para um ataque às ilhas Filipinas e para um conflito nas Caraíbas, que só se resolveria com a tutela temporária dos Estados Unidos sobre Porto Rico e as Filipinas.
O jovem Afonso XIII jurou observar a Constituição em Agosto de 1902, quando contava apenas dezasseis anos. O início do seu reinado coincidiu com a emergência de novas forças políticas não representadas pelos dois partidos que até aí tinham assegurado a continuidade da governação: socialismo e catalanismo transferiram a luta política para as ruas. O rei teve a prova disso no próprio dia do seu casamento com a princesa inglesa Vitória Eugénia, em 1906, altura em que se deu uma tentativa de regicídio.
Eduardo Mendonza, em *A Cidade dos Prodígios*, ficciona a inauguração da Exposição de Barcelona pelo rei, e relembra as marcas desse atentado na memória de Afonso XIII: "Por mais que as autoridades locais lhe prodigalizassem lisonjas, que os homens importantes da cidade se desdobrassem em cachorrices e embora estivesse decretado que a ocasião fosse festiva, Sua Majestade D. Afonso XIII resistira a pôr de lado o seu ar taciturno. Instalado no Palácio de Pedralbes, recordava vivamente aquele acontecimento terrível sucedido vinte e três anos atrás. Era nessa ocasião muito jovem e acabava de contrair matrimónio com a princesa Vitória Eugénia de Battenberg. Apesar da chuva miudinha, a multidão aglomerava-se nas ruas de Madrid para ver passar o cortejo; o augusto par tinha saído da Igreja de S. Jerónimo, onde se realizara a cerimónia nupcial, e dirigia-se agora ao Palácio de Oriente na carruagem real. Ao passar pela Calle Mayor lançaram uma bomba de um andar, a qual caiu à frente da carruagem e explodiu imediatamente. Sabendo-se ileso, ele voltou-se para a mulher. Estás bem?, perguntou-lhe. O vestido da noiva ficara tingido de vermelho, salpicado do sangue dos espectadores e dos soldados da escolta. A princesa Vitória Eugénia moveu a cabeça com serenidade. Yes, disse simplesmente. Tinham morrido entre vinte a trinta pessoas em consequência do atentado. Ao chegar ao palácio os monarcas correram a mudar de roupa. Afonso XIII encontrou um dedo entre as dobras da capa. (...) Desde então Afonso XIII considerava os Catalães gente hostil, de conduta arrebatada e imprevisível."
Apesar da desistência imperial de 1898, a Espanha adquire a partir de 1904 a responsabilidade sobre Marrocos, explicitada no Acordo

O casal real
Afonso XIII e Vitória de Battenberg
inauguram a Exposição.

Franco-Espanhol de 1912. A necessidade de pacificar a zona não era no entanto bem acolhida na frente interna. De tal forma que em 1909, quando Melilla sofreu um ataque violento, o reforço às tropas espanholas no local feito a partir de Barcelona originou um levantamento generalizado, uma greve geral e teve como consequência uma série de mortos. Como represália, foram levadas a cabo algumas execuções, entre as quais a do doutrinador anarquista Francisco Ferrer. O movimento de opinião que se levantou por toda a Europa foi decisivo para o líder conservador no poder, Maura, que é forçado a sair.
A Semana Trágica, como ficou conhecida, exacerbou os ânimos tensos entre a Catalunha e Madrid. O regionalismo catalão estava já representado nas duas casas do Parlamento desde 1901 e ia sendo reforçado pela promulgação de algumas leis manifestamente hostis à intervenção catalã na esfera da defesa. É nessas circunstâncias que se forma uma frente única regionalista, a Solidaritat Catalana. Inesperadamente, consegue uma vitória importante: a criação, em 1914, da Mancomunitat, uma federação das quatro províncias catalãs investida de alguns poderes e prerrogativas até aí do domínio central, tais como educação, comunicações e serviços sociais.
Apesar de algumas concessões do governo central e da Coroa à opinião pública e aos movimentos regionalistas, a Igreja permaneceu irredutível durante todo este tempo: senhora do monopólio da educação e fechada à admissão da dissidência religiosa. As tentativas de negociação política com o Vaticano nesta fase nunca foram bem sucedidas e os sentimentos de contestação e de anticlericalismo expandiram-se.
A eclosão da Primeira Guerra Mundial criou uma nova divisão no território espanhol, para a qual contudo foi encontrada uma solução sensata, a da neutralidade. Enquanto Exército, Igreja e conservadores pendiam para o lado alemão, opinião pública, liberais e regionalismos basco e catalão simpatizavam com a causa aliada. O período de guerra favoreceu um novo surto migratório das zonas de Múrcia e Almeria para Barcelona.
As acções dos anarco-sindicalistas e dos socialistas chegaram a convergir de forma inédita. Um indicador da instabilidade política em Espanha é a sucessão de governos – quatro durante o ano de 1917 – e o surgimento de juntas de defesa militares, expoente do corporativismo nas Forças Armadas de Espanha, que intervinham cada vez que pensavam estar ameaçado o papel dos militares. As tentativas de conter os movimentos anarco-sindicalistas e a sua escalada de violência foram debaldados pelo aumento das acções terroristas e em 1921 o primeiro-ministro é assassinado.

Nesse mesmo ano o Exército espanhol sofre uma séria derrota em Marrocos: sob as ordens de Abd El-Krim uma força de vinte mil espanhóis é esmagada e empurrada para o mar. No ano seguinte, surge na Catalunha um movimento verdadeiramente separatista, o Estat Català, cuja ala esquerda se alia aos separatistas bascos e galegos.

A 13 de Setembro de 1923, o capitão-geral de Barcelona, general Primo de Rivera, toma o poder em Madrid, com o apoio do rei, e suprime as liberdades constitucionais e as cortes.

O novo regime ditatorial começou por granjear as boas graças da opinião pública, interessada na reposição da ordem. Duas conquistas garantiam bons auspícios ao governo de Primo de Rivera: a aliança com os Franceses – e consequente rendição de Abd El-Krim em 1926, permitindo o início da pacificação de Marrocos –, e um orçamento equilibrado, sem recurso a empréstimos externos.

Contra a ditadura reverteu a abolição dos partidos, que passaram a agir na clandestinidade, e o antagonismo da Catalunha devido ao progressivo movimento de centralização operado. Em 1925, Primo de Rivera abole a Mancomunitat, no ano seguinte forma o seu partido, a União Patriótica, e no outro constitui a Assembleia Nacional. A sua política ferreamente clerical levantou contra ele os intelectuais e as universidades e finalmente o impacto do *crash* da Bolsa da 1929 fê-lo perder o apoio do exército.

A política económica de Primo de Rivera assentava no proteccionismo e no grande desenvolvimento das obras públicas. Apoiando-se numa boa conjuntura exterior que permitia a exportação de matérias-primas e produtos agrícolas, o governo conseguiu ir insuflando dinheiro no circuito económico, apesar da dívida pública continuar a ser colossal. A sobrevalorização artificial da peseta, por razões de prestígio, provocou uma forte fuga de capitais e acabou por criar crescentes dificuldades na venda de produtos ao exterior.

Durante o ano de 1929 cresceu a fúria dos universitários contra a ditadura. As desordens ocorridas em Madrid começam a repercutir-se em Barcelona a partir de 20 de Abril. Por detrás dos tumultos estava a organização estudantil, Federação Universitária Espanhola (FUE), com reclamações de carácter universitário mas também ideológico, fortalecida por algumas cedências pontuais do governo nas medidas educativas.

No final do ano de 1929, o general Primo de Rivera expõe aos seus colaboradores o que pensa ser uma solução política: a designação por Afonso XIII de um civil de direita que dirija um governo de tran-

O general Primo de Rivera, e parte do seu governo, visitam a Exposição.
O ditador, pouco tempo depois, exila-se em Paris.

sição. A Assembleia deveria ainda funcionar até Setembro de 1930, altura em que seria eleita uma nova. No entanto, o rei, que jogava em frentes dúbias com o exército, considera a ditadura um perigo para a disciplina militar e mostra vontade de voltar ao terreno institucional. O general Primo de Rivera revela, depois de uma reunião com o rei no dia 31 de Dezembro de 1929, que o seu objectivo principal é apenas o de retirar-se condignamente. A 21 de Janeiro do ano seguinte faz um último apelo aos generais para que estes declarem que tomaram o poder por proclamação dos militares, mas estes reafirmam apenas a sua obediência ao rei. Em 28 de Janeiro de 1930, o general Primo de Rivera, marquês de Stella, e todo o seu governo apresentam a demissão. Nesse mesmo mês, enquanto ainda decorre a Exposição Internacional de Barcelona, Primo de Rivera exila-se em Paris.
A monarquia em Espanha não iria durar muito mais: Afonso XIII não consegue reunir novas cortes no prazo constitucional e os seus poblemas com a governação continuaram até às eleições de 1931, quando, embora o voto monárquico fosse superior no meio rural, as cidades votaram maioritariamente republicano. Sem abdicar, o rei exilou-se também em Paris.
Estes anos de 1929 e 1930 assistem ao surgimento embrionário de alguns movimentos de carácter social e cultural, que terão importância mais tarde. Por exemplo, a crescente participação das mulheres na esfera política e a sua entrada progressiva na educação superior. É o caso da nomeação em Março de 1928 de três mulheres para con-

selheiras da Câmara Municipal de Sevilha. Em 1930, a indústria têxtil de Barcelona conta com mais trabalhadoras do que trabalhadores, vinte por cento das quais têm entre doze e dezanove anos. Quanto à educação, enquanto em 1900 havia apenas uma estudante universitária, trinta anos depois esse número subiu para 1681.

A Opus Dei é criada em Outubro de 1928 pelo sacerdote aragonês José Maria Escrivá de Balaguer. Pretendia recuperar para o cristianismo os jovens universitários espanhóis. O grupo que acompanha Monsenhor Escrivá é composto por doze jovens, quatro dos quais serão mais tarde ordenados sacerdotes e um deles, Álvaro del Portillo, será o sucessor do presidente da obra depois da sua morte. No entanto, até 1939, a Opus Dei irá passar despercebida.

O mês da criação da Opus Dei é também o de estreia de *Um Cão Andaluz*, um filme de Buñuel que fora feito em colaboração com Salvador Dalí e que marca o surrealismo espanhol. Buñuel e Dalí formavam, com Federico Garcia Lorca, um núcleo duro dentro da Resistência de Estudantes de Madrid, sendo este último bastante criticado por, definitivamente, não se enquadrar no surrealismo. A assinatura de Buñuel e Dalí não voltará a surgir associada, depois da zanga que os irá afastar para o resto da vida e que será fonte de polémica pública.

Os movimentos vanguardistas espanhóis não tiveram expressão na Exposição Internacional de Barcelona. Como todas as manifestações culturais em regimes de ditadura, as opções estéticas oficiais passavam pelo conservadorismo. Numa época em que a criatividade artística se manifestava pela oposição ao tradicionalismo, em ruptura com o passado, a opção dos regimes valorizava um modelo estático de sociedade. Que se reflectia em opções estéticas que preferiam a tradição, cultivando uma mística de valorização do passado histórico e de permanência temporal.

A CIDADE DA EXPOSIÇÃO

Por decreto de Isabel II, em 1833 Barcelona tornou-se uma das quatro províncias espanholas que formam a Catalunha. No final dos anos 20 deste século era a província espanhola de maior densidade populacional e o maior entreposto comercial e industrial do país.

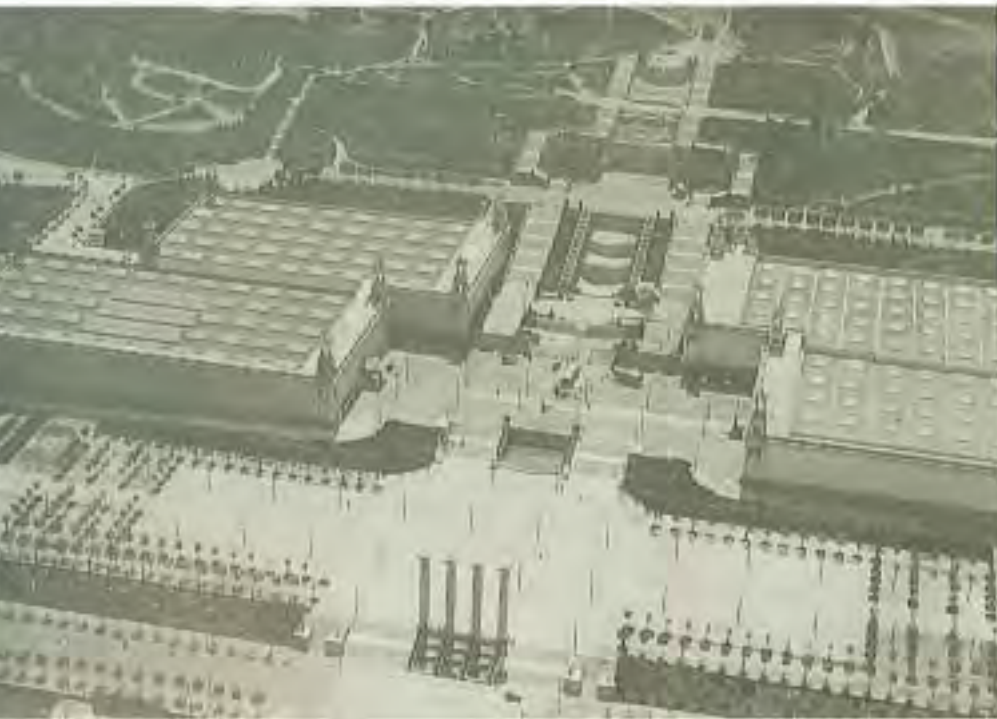
Barcelona constituíra uma muralha defensiva face às investidas dos muçulmanos, que chegaram a conquistá-la, tendo sido expulsos por Carlos Magno. Passou nessa altura a ser condado mas, por casamento

de Fernando e Isabel, quando Castela e Aragão se uniram, foi integrada em Espanha.
Luís XIV declarou-a república independente sob o protectorado dos Bourbons, mas esse estatuto não foi duradouro. Napoleão ocupou-a por duas vezes, em 1808 e em 1813, e há quem atribua à influência da Revolução Francesa e ao espírito liberalista a tradição barcelonense de adesão e simpatia pelas causas anarquistas e socialistas.
O município de Barcelona ocupa um espaço de 7500 hectares, em 1930 dividido em dez distritos, por sua vez subdivididos em bairros. O núcleo central da cidade de Barcelona nesta época é o monte Taber, encimado pela Catedral, e o maciço de Montjuic, resgatado ao mar desde a pré-história. Ao lado estende-se uma grande planície, cortada pela foz do rio Llobregat que forma um delta com a foz do rio Bésos.
Cidade marítima rodeada de montanhas, Barcelona tem um clima ameno, com uma média de 16 graus centígrados anuais e uma amplitude que vai de zero graus no Inverno (mínimo), a 32 graus centígrados no Verão (máximo). As diferenças de temperatura entre o dia e a noite também não são muito pronunciadas.
No início do século o crescimento populacional de Barcelona foi o mais acentuado de todas as populações espanholas: enquanto em 1901 tinha 562 mil habitantes, em 31 de Dezembro de 1928 a população estava estimada em cerca de 841 mil habitantes.
Durante muitos séculos, até quase ao final do XIX, as muralhas dividiam muito claramente a cidade dos baldios das cercanias até ao limite em que a vida dentro de muros se tornou insuportável. Barcelona chegou a ter uma densidade populacional de 700 habitantes por hectare sendo a densidade, na mesma época, em Londres, de 128 habitantes por hectare, por exemplo.
Esta concentração populacional, grandemente aumentada quando começaram as obras para a primeira exposição internacional de Barcelona, que atraíram pessoas de toda a província, conduziu a situações graves como o rápido alastrar de qualquer doença até se tornar uma epidemia mortal, a ausência total de água potável por longos períodos, a acumulação de famílias em espaços exíguos.
Apesar de há muito se ter tornado evidente para os diversos alcaides da cidade que a solução só poderia passar por um alargamento para fora dos muros, esta decisão demorou a ser posta em prática devido à necessidade de um plano de desenvolvimento urbano. Chamou-se, finalmente, Plano Cerdá, e veio directo de Madrid com carácter impositório. A zona desenvolvida a partir de 1859 no plano é ainda hoje

conhecida por Ensanche e consiste num traçado de quadrícula que a especulação de terrenos e imobiliária viriam a tornar diferenciado.
De facto, consoante a época a que remonta a venda de terrenos e a construção, o Ensanche alberga edifícios e zonas completamente distintas: habitação de luxo para a classe alta seguida de zonas construídas com materiais baratos, espaço exíguo e poucas condições de habitabilidade.
Em 1930, o dia-a-dia em Barcelona desenrola-se a partir da artéria principal da parte antiga da cidade, ou seja, as Ramblas, e do Bairro de Atarazanas, junto ao porto e que, por decreto real de 1927, sofreu uma profunda reforma.
A parte antiga e moderna de Barcelona ligam-se na Praça da Catalunha, arranjada para a exposição e que constituía uma das praças mais impressionantes das cidades europeias. Três grandes vias atravessam o núcleo urbano: o Paralelo e a Meridiana mantiveram as suas características originais, enquanto a Avenida de Afonso XIII foi

Montjuic na altura da Exposição. Esta parte da cidade sofreu alterações urbanísticas profundas para acolher o grande acontecimento.

melhorada e asfaltada. Esta avenida atravessa a cidade desde o Palácio Real de Pedralbes até à Praça das Glórias Catalãs, projectando-se na altura o seu prolongamento até à foz do rio Bésos.
Os bairros pobres nas imediações do Parque de Montjuic beneficiaram da sua aproximação à exposição, tendo sido alvo de grandes melhoramentos. Junto ao porto fica a zona balnear da época, o bairro marítimo de Barceloneta, situado numa língua de terra triangular.

As praças que mais beneficiaram da exposição de Barcelona são as da Catalunha e de Espanha. A primeira foi dotada de jardins e alguns conjuntos escultóricos de artistas da época. Concentram-se na Praça da Catalunha as estações de caminhos-de-ferro do Norte, da Catalunha e de metropolitano. Quanto à Praça de Espanha, ganhou com a exposição a construção de uma fonte monumental e polémica.
Barcelona conta com uma série de jardins e parques. Destacam-se os do Parque da Cidadela – onde se realizou a primeira exposição internacional de Barcelona – pela variedade e o Parque de Montjuic. Este último, de solo pedregoso, foi transformado sob a direcção do arquitecto Forestier, que tentou miscigenar as tradições francesa e inglesa de jardinagem.
A cidade também é profícua em edifícios religiosos, muitos deles reformados depois dos motins de 1909 e outros construídos nessa data. Um exemplo de destruição e reconstrução sucessivas é o antigo Mosteiro de S. Pedro das Puellas. A sua primeira reconstrução data de 1117, seguida de destruição pelo cerco francês a Barcelona em 1697 e nova reconstrução. Em 1714 foi palco para as lutas entre os partidários do arquiduque de Áustria contra as tropas de Filipe V, em 1909 foi incendiado durante a Semana Trágica.
Também a Igreja de San Pablo del Campo foi vandalizada e os altares destruídos e posteriormente reconstruídos. Igualmente destruída nos motins de 1909 foi a Igreja de Nossa Senhora del Carmen, reconstruída pelo arquitecto José Maria Pericas.
O edifício de Santa Madrona foi construído modernamente com ladrilhos no arcos e sofreu pouco em 1909. A Capela de Marcus, românica, datada de 1166, ficou muito danificada em 1909 e a sua reconstrução obedeceu ao estilo românico. San Andrés de Palomar, reconstruído no seu estilo clássico de naves em forma de cruz, foi parcialmente destruído na mesma data, tendo-se perdido uma biblioteca de oito mil volumes, uma colecção de numismática e um museu.
Quanto ao templo de uma só nave de San Juan de Horta, datado do século X, só sobrou o campanário, a partir do qual foi feita a reconstrução. Já o templo de San Juan de Gracia, de 1875, teve que ser reconstruído de raiz uma vez que a sua destruição foi total. Santa Maria del Taulat é outro caso de reconstrução quase total. A Igreja de Santa Maria de Provensals, que ficara terminada apenas em Julho de 1909, sofreu no mesmo ano destruição parcial.
Recentes são as Igrejas de São José Oriol, em estilo bizantino, a gótica Sagrado Coração de Jesus e a moderna Igreja de San Ramón de Collblanch.

Vista aérea do Parque de Montjuic durante a Exposição. A arquitectura dos edifícios foi um dos aspectos mais atractivos para os visitantes.

O incremento e restauro dos edifícios civis teve o seu início neste século em 1909. Destaca-se neste campo o restauro das Casas Consistoriais com a fachada gótica da Rua da Cidade, da galeria gótica e da Loja do Trentenário. Por detrás das Casas Consistoriais foi construído um edifício destinado a ser ocupado por oficinas municipais que se une ao antigo Palácio do Conselho Municipal através de um arco-ponte.

O Palácio de la Diputación foi liberto das construções postiças que o ladeavam e aumentado com a Casa de los Canónigos. A galeria gótica e a Capela de São Jorge são, entre as zonas restauradas, as de maior impacto. A acrescentar ao que foi restaurado há zonas de construção moderna e outras que foram reformadas para novas utilizações. Para tal, contribuíram as prestações dos mais importantes pintores catalães e valencianos da época que compõem parte da decoração com evocações dos momentos históricos da cidade.

O Palácio Real de Pedralbes é uma sumptuosa construção iniciada em 1924 que, com os seus jardins, ocupa uma vasta área do campo de Sarriá. A escadaria de honra e o Salão do Trono são expoentes da riqueza de utilização de materiais e de decoração deste palácio.

A Estação de França, situada na Avenida Marquês de Argentera, de construção sóbria, ocupa só na sua fachada um comprimento de 125 metros, nas extremidades da qual se situam dois edifícios em prolongamento, formando um U em cujo interior se fez um parque para albergar as carruagens dos viajantes. Existem ainda no edifício uma série de engenhos para facilitar a carga e descarga de mercadorias e acesso à estação de correios. O pé-direito de cada sala do edifício mede 25 metros.
Os arquitectos Goday e Torres dirigiram a construção do edifício dos Correios, a expensas do município de Barcelona. Terminado em 1928, o edifício entrou em funcionamento em Maio de 1929, por alturas da inauguração da exposição.
No campo das edificações militares conta-se o edifício da Capitania--Geral, completamente reformado nos anos de 1928-29. Entre outras novidades, foi feita uma nova fachada para o Passeio de Cólon inspirada na arquitectura espanhola do século XVII. A reconstrução geral contém elementos que prestam homenagem a quatro momentos importantes na história do edifício: a sua construção, em 1636, a adaptação a Capitania em 1844, o golpe de Estado em 1923 e a restauração terminada em 1929.
Um dos ex-líbris actuais de Barcelona é a Catedral da Sagrada Família, um exemplo peculiar do que o modernismo veio permitir em termos arquitectónicos. O seu autor, Antoni Gaudí i Cornet, morreu três anos antes da inauguração da exposição de Barcelona, deixando esta obra inacabada. Arquitecto criador de novas e originais formas, engenheiro que esgotou as possibilidades técnicas oferecidas pelos materiais de construção que utilizava, Gaudí marcou Barcelona mais do que qualquer dos edifícios construído ou restaurado para a exposição, não só com a Sagrada Família mas também com as construções do Parque Güell, cujas colunas parecem desafiar as leis da gravidade.
A indústria têxtil foi o grande motor do desenvolvimento de Barcelona durante os anos 20 deste século, apoiada nas facilidades mercantis oferecidas pelo seu porto. À semelhança do que aconteceu um pouco por toda a Espanha, Barcelona também beneficiou nesta época do grande programa de obras públicas promovido pelo general Primo de Rivera, que fez crescer a economia e diminuir o desemprego.
A forte industrialização, o êxodo do campo para a cidade, as difíceis condições de vida da maior parte da população e a simpatia de que gozavam os movimentos anarquistas na zona da Catalunha criaram situações de grande instabilidade social, greves e revoltas durante toda a década, que deram continuação aos movimentos do início do

século. As relações entre Barcelona e o governo central eram também tradicionalmente difíceis pelas tendências autonomistas da região.
No final dos anos 20, a maior parte da força de trabalho nos têxteis é já feminina. Nessa época, segundo dados da Câmara Municipal de Barcelona, o quadro da população activa por sectores apresentava-se da seguinte forma: cerca de 202 mil homens e 74 mil mulheres estavam em situação de trabalho activa nesses anos. O peso maior, nos homens, era no comércio (53 mil) e nas mulheres nos têxteis (35 mil) seguidas, no caso das mulheres, das confecções (11 mil) e do comércio (11 mil). No caso dos homens logo a seguir ao comércio situa-se a metalurgia (33 mil), a construção (25 mil), e os serviços públicos (21

As fontes e os jogos de água eram atracções irresistíveis, sobretudo durante a noite, quando as luzes multicolores eram acendidas.

mil). Seguem-se, com muito menor importância na estrutura do emprego e por ordem decrescente, a indústria da madeira, os transportes, branqueio e tinte, gráficas e editoras, têxteis, químicas, alimentação, confecções e outras indústrias, cerâmicas e vidro, coiros e peles, profissões artísticas e científicas, indústria de papel e cartão, minas e pesca.
A lista de entidades bancárias existentes em 1929 em Barcelona dá uma ideia da importância da cidade a nível financeiro. A oferta é vasta e variada: uma sucursal do Banco de Espanha, Banco

Comercial da Cataluña, Banco da Cataluña, Sociedade Anónima Arnús-Gary, Banco Arnus, Banco Hispânico Colonial, Banco de Empréstimos e Descontos, Filhos de Majin Valls, Garriga-Nogués, Soler e Torra Hermanos, Banco Tusquets, Banco Marsans, Crédito e Docks de Barcelona, Banco Urquijo Catalão, Banco Central, Banco de Viscaya, Banco de Bilbao, Banco Calamarte, Banco Hispano-Americano, Banco Espanhol do Rio da Prata, The Royal Bank of Canada, Anglo-South American Bank, Banco Alemão Transatlântico, Banco de Roma, Crédit Lyonnais, International Banking Corporation, Société General de Banque são os mais importantes. Existiam ainda como centros financeiros de monta a Bolsa, o Casino Mercantil e o Banco Vitalício, de seguros.
O comércio da cidade conta com a existência de grandes bazares e aos grandes grupos comerciais juntam-se importantes companhias de transportes como é o caso das companhias de navegação Transmediterrânea e Transoceânica, várias empresas de caminhos-de-ferro, a Companhia Catalã de Gás e Electricidade, a Companhia Barcelonesa de Gás e Electricidade, a Companhia de Energia Eléctrica da Catalunha, a Companhia de Materiais para os Caminhos-de-Ferro e Construções, Fomento de Obras e Construções, Construções e Pavimentos e Companhia Geral de Tabacos das Filipinas.
O consórcio do Porto Franco de Barcelona é outra entidade com grande importância na época. Tinha como finalidade a criação de um porto livre. Devido ao movimento do porto, em 1927 transaccionaram-se em Barcelona 792 milhões de pesetas de importações e 189 de exportações, num total de cerca de 980 milhões de pesetas.
Situado inicialmente ao lado de Montjuic, onde aproveitava de algumas condições naturais favoráveis, o porto de Barcelona foi sendo deslocado pela construção de pontões, e já em 1929 era um porto artificial que fazia ligação a diversos pontos do Mediterrâneo, África, Oriente, Norte da Europa e Américas. Segundo dados da Junta de Obras do Porto, o número de barcos entrados no porto de Barcelona em 1928 foi de 5293, dos quais cerca de 3500 espanhóis.
Barcelona conta nesta época com um centro ferroviário de ligação ao resto da Espanha e ao estrangeiro, servido por quatro estações e uma série de serviços ferroviários para os principais pontos de Espanha e França, num total de cerca de 60 linhas. Além das comunicações com o exterior, parte destas linhas serve ainda para

O início das obras para a Exposição. Esta parte da cidade, esquecida e degradada, passou a ser um dos centros de convívio para a população de Barcelona.

transporte dentro da cidade e de comunicação com os seus arrabaldes. Nesse caso situa-se também o metropolitano, que em 1930 tinha duas vias: uma que começa na Praça de Lesseps e que se subdivide em duas vias, uma com destino às Ramblas e outra até ao porto; e uma segunda que parte da estação de caminhos-de-ferro de Sans, subdivide-se a meio do trajecto e volta a unir-se desembocando na Estação do Norte. Carruagens de aluguer e um parque de 50 mil automóveis completam os transportes da cidade no ano de 1930.

Quanto às comunicações contava nesse ano, além do Palácio Central do Correios, com diversas estações de correios e telégrafo, uma rede automática de telefones urbanos, estações radiográficas e duas estações de radiodifusão.

Por via aérea, Barcelona tem nesta época ligações diárias a Madrid, Casablanca e França.

A PREPARAÇÃO DA FESTA

A primeira exposição internacional ou universal decorreu em Londres em 1851, e desde então a realização de exposições internacionais alastrou pelo Ocidente como uma moda, favorecida pelo progresso, boas conjunturas de desenvolvimento industrial e pela revitalização dos nacionalismos a partir do início do século XX. Barcelona teve uma primeira exposição em 1888, no Parque da Cidadela, gratificante para os sentimentos regionalistas da Catalunha.

Em 1913, os políticos e industriais de Barcelona uniram esforços na vontade de promover uma exposição universal dedicada às indústrias eléctricas, sob o título "Exposição das Indústrias Eléctricas", que decorreria em 1917. O interesse do núcleo industrial de Barcelona, um grupo financeiramente sólido e que procurava alargar a sua área de actuação nos mercados internacionais, afectada pelos resultados da guerra de Cuba e Filipinas, foi decisivo para o avanço dos trabalhos. Na época, a indústria catalã sofria uma transformação pelo aproveitamento energético de reservas de hulha branca para a indústria e as perspectivas optimistas não tinham reservas. Ao núcleo duro de industriais e políticos juntou-se a burguesia catalã, unida ideologicamente pelo programa da Liga Regionalista, que visava impor os traços distintivos da cultura catalã.

A Câmara Municipal de Barcelona encabeçou a Junta Directiva da Exposição na deslocação a Sevilha, em 1914 – local onde se encontravam o rei e o chefe do governo – e conseguiu interessar o governo espanhol, que anunciou uma subvenção de dez milhões de pesetas à empresa e legislou o reconhecimento da futura exposição como tendo um carácter de obra pública. Poucos dias depois deste acordo desencadeava-se a Primeira Guerra Mundial e a exposição ficou limitada aos trabalhos de ordem interna, esperando o fim do conflito. Apesar de a Espanha não ser beligerante, o estatuto de exposição internacional obrigava à participação activa de países estrangeiros, convidados por via diplomática, e foi necessário esperar que esses países recuperassem da guerra.

A discussão quanto à localização do certame entreteve os ânimos durante o compasso de espera. As alternativas mais apontadas eram o Parque de Montjuic – que apesar de ter uma área vasta e estar próximo da centro da cidade tinha como desvantagens ser íngreme, não

O interior do Palácio Nacional onde decorreu a cerimónia de inauguração com a presença do rei.

ter água e ser necessário construir os acessos de raiz – e um vasto terreno situado entre a Praça das Glórias Catalãs e o rio Bésos. Os interesses económicos contaram para a decisão final: Montjuic.

Enquanto a exposição que se realizara de 1888 aproveitara os terrenos da Cidadela, não urbanizados ainda por estarem sob jurisdição militar, a de 1929 iria aproveitar os terrenos vagos pela proximidade do Castelo de Montjuic. A fortaleza fora construída para defender a cidade dos ataques do exterior mas, devido à conjuntura política, acabava por servir mais para a atacar ou controlar. Não tendo permitido o derrube do Castelo de Montjuic, o Ministério da Guerra cedeu os terrenos que estavam sob a sua jurisdição. Estes, juntamente com os terrenos que tiveram que ser expropriados, começaram a sofrer trabalhos de ajardinamento e arborização. J. C. N. Forestier, conservador do Bosque de Bolonha em Paris, seria o autor dos projectos de ajardinamento dos terrenos das duas exposições, tanto a de Barcelona como a de Sevilha.

A nível de edificações, a obra arquitectónica escolhida como diapasão da exposição de Barcelona foi o Palácio Nacional, situado no centro da zona da mostra.

Sob o projecto de Josep Puig i Cadafalch, as obras planeadas desde 1914 e atrasadas por diversas dificuldades nas expropriações de terrenos, ganharam velocidade no ano de 1917 data em que, sob a direcção do arquitecto, se iniciaram as construções dos principais palácios.

Em 1923, a mudança no governo espanhol, com a chegada ao poder do general Primo de Rivera, implicou uma recomposição dos membros da organização da exposição. Em 1925 decidiu-se que a mesma teria início em Maio de 1929 – coincidindo com a Ibero-Americana de Sevilha, cujos países participantes a nível oficial se excluíam automaticamente da de Barcelona. E os trabalhos preparatórios recomeçaram no ano seguinte.

Em *A Cidade dos Prodígios*, Eduardo Mendonza descreve assim a azáfama das obras da exposição: "A montanha de Montjuic foi encerrada ao público; os bosques foram cortados e as fontes encanadas ou obstruídas com dinamite; fizeram-se ali taludes e lançaram-se os alicerces do que viriam a ser os palácios e os pavilhões. Como da vez

Um dos cartazes oficiais da Exposição representando um dos sectores mais fortes presentes no evento, a indústria têxtil.

anterior, os escolhos não se fizeram esperar: o deflagrar da Grande Guerra, primeiro, e a reticência do governo de Madrid paralisaram sempre as obras. (...) Foi preciso transcorrerem vinte anos para que a política de obras públicas do general Primo de Rivera insuflasse novo fôlego à ideia. Agora não só Montjuic como a cidade inteira seria cenário dos seus projectos colossais: muitos edifícios foram demolidos e o piso das ruas foi levantado para se estenderem as linhas do metro. O aspecto de Barcelona recordava as trincheiras

Montjuic iluminado pelos jogos de luzes concebidos pelo engenheiro Carlos Buigas y Sans.

daquela Grande Guerra que tinha dado com a exposição em pantanas. Nessas obras e na da exposição trabalhavam muitos milhares de operários, serventes e pedreiros vindos de toda a parte da península, sobretudo do Sul. Chegavam em comboios a abarrotar à estação de Francia, recentemente ampliada e renovada. Como sempre, a cidade não tinha capacidade para absorver esta aluvião. (...) Era sobre esta ossatura de sofrimento, depauperamento e rancor que Barcelona erguia a exposição que viria a surpreender o mundo."

Nesta altura a indústria eléctrica já deixara de ter o carácter de ino-

vação anterior à guerra, pelo que a exposição passou a contemplar uma temática mais vasta e híbrida chamando-se apenas Exposição Internacional de Barcelona. No entanto, mesmo este nome acabaria por não poder ser definitivo uma vez que o certame se prolongou muito para além dos prazos estabelecidos para uma exposição internacional: tendo sido aberta em 19 de Maio de 1929, foi só encerrada em 15 de Julho do ano seguinte, passando a meio do acontecimento a ter um carácter apenas nacional.
Ocupando uma superfície total de 116 hectares e uma superfície edificada de 240 000 metros quadrados – não tendo em conta os edifí-

cios menores nem os construídos pelos países com pavilhão próprio e entidades particulares –, a exposição estruturou-se na base da classificação geral e do seu duplo carácter nacional e internacional, permitindo que países estrangeiros concorressem, quer construindo pavilhões independentes, quer apresentando as suas aportações nos edifícios construídos pela própria exposição, quer com ambos os meios de exibição.

Estiveram presentes com espaços próprios em edifícios da exposição a Checoslováquia, Finlândia, Suíça, Polónia, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Holanda, Turquia, Egipto, Palestina, Pérsia, Índia, Bornéu, Ceilão, Malta e Afeganistão. Construíram pavilhões próprios a Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Hungria, Itália, Noruega, Roménia, Suécia e Jugoslávia.

Segundo despacho aprovado em Conselho de Ministros, sob a presidência de Afonso XIII, o certame desenvolveu-se a partir de três grande núcleos: a indústria, os desportos e a arte de Espanha.

À volta dos grandes núcleos foram organizados uma série de iniciativas culturais, colóquios, exposições, seminários, congressos, etc. Fora dos núcleos, o Estado espanhol empenhou-se em marcar presença através do Pavilhão do Estado – dedicado aos serviços públicos –, Pavilhão Real, das Diputaciones, da Cidade de Barcelona, etc.

Um dos aspectos de maior impacto da exposição foram as iluminações concebidas por Carlos Buigas y Sans. A aposta do autor foi no jogo de vastas superfícies iluminadas, em conjugação com linhas de água luminosas e em contrastes de cores e formatos. A possibilidade de conjugar luzes e construções aquáticas, bem como iluminações de edifícios e obras a partir de um posto central, permitiu criar espectáculos variados e diversificar o espectro das iluminações.

Para a iluminação geral foram instaladas ao longo da área da exposição mais de 600 construções em vidro de grandes dimensões e motivos modernos, que projectavam uma luz difusa. A impressão dos autores que estudaram a exposição é unânime: se o visitante poderia facilmente esquecer o que era exposto nos diferentes pavilhões e palácios, já dificilmente poderia olvidar o espectáculo das fontes luminosas e dos efeitos variados de luz e cor.

Os jogos de água e de luzes não eram novidade em exposições internacionais: eles já tinham sido feitos em 1851 em Londres, em 1893 em Chicago e em 1915 em S. Francisco, embora não tenham sido, como em Barcelona, o principal ponto de atracção da exposição. Neste caso, o trabalho de Carlos Buigas na área da engenharia dos

O recinto da Exposição era pontuado por magníficos jogos de água e de luzes que, tão espectacularmente, ilustravam a utilização da corrente eléctrica.

jogos de água e luzes funcionou como um embrulho moderno e surpreendente, disfarçando uma arquitectura pouco criativa.

O núcleo industrial da exposição compôs-se de onze pavilhões dedicados à agricultura, indústria, comércio e inovações científicas aplicadas à indústria. Ou seja, os palácios da Secção de Agricultura, Arte Têxtil, Vestido, Indústrias Químicas, Electricidade e Força Motriz, Artes Industriais e Decorativas, Palácio Afonso XIII ou das Indústrias da Construção; Artes Gráficas, Projecções, Trabalho; Comunicações e Transportes, Palácio Rainha Vitória Eugénia e Material Desportivo.

O Núcleo das Artes de Espanha desenvolve-se em dois edifícios, um dos quais o Palácio Nacional, o outro da Arte Moderna. A estes dois

palácios junta-se ainda o Pueblo Espanhol, permanentemente animado por festas populares, concursos, torneios, etc. Este Pueblo, uma das estruturas que mais sucesso alcança, como se pode ver pela crónica exuberante de António Ferro, repesca uma ideia apresentada na exposição de Paris de 1889.
O Núcleo dos Desportos tem como construção principal um estádio, com campo de jogos e capacidade para 60 mil espectadores. A atenção dada aos desportos é característica da época: desde que a ideologia fascista se difundira pela Europa os governos fomentavam a prática do desporto e procuravam que houvesse uma assistência maciça às competições desportivas. O modelo desta febre vai buscar traços culturais do Império Romano: as vitórias desportivas passaram a símbolos da grandeza de um povo.
Fora dos núcleos principais destaca-se o Pavilhão das Missões, ao qual aderiram todas as missões espanholas do Extremo Oriente, África e América, além de algumas missões estrangeiras. Destaca-se também o Pavilhão da Cidade de Barcelona, erigido com a preocupação de revelar aspectos históricos e quotidianos da cidade, o Pavilhão do Estado Espanhol e o Pueblo Oriental, constituído por edifícios de estilo oriental, representando sobretudo colónias francesas e inglesas e que oferece ainda um grande bazar de produtos do Oriente.
Um teatro grego, talhado no fundo de uma antiga pedreira e com capacidade para dois mil espectadores, uma piscina de natação e campos diversos de jogos são espaços bastante concorridos da exposição, bem como os numerosos restaurantes espalhados por toda a zona. Para facilitar a circulação pelo recinto foram construídos uma escada rolante, vários elevadores, uma pequena linha de caminho-de-ferro que circula pelos pontos principais da exposição, uma linha de autocarros e de carros.
A nível arquitectónico a exposição de Barcelona pôs em evidência a crise que a arquitectura atravessava nesse período em Espanha. A situação política que se vivia desde 1923 colocava os arquitectos na posição de procurarem no passado as formas e linguagens que lhes permitissem responder ao que lhes era pedido.
A arquitectura da exposição manifesta um historicismo que haveria de ser qualificado de forma pejorativa como ecléctico, uma vez que repousa sobre uma mistura de estilos. A maioria dos arquitectos escolhidos, provenientes da Escola de Arquitectura de Barcelona, optou por um estilo monumentalista. Tanto a combinação de materiais num mesmo edifício como a conjugação dos edifícios pretendia favorecer um efeito teatral. Imperavam os modelos classizante e barroco, levan-

do à sobrevivência de dois estilos diferentes: o novecentista e o barroquista. O novecentismo é patente nas obras de Pelai Martinez e de Ramon Reventós, que mistura um classicismo mediterrânico ligado a um estilo renascentista italiano. A excepção é o Teatro Grego, de estilo helénico, já o Palácio das Artes Gráficas e a Torre de acesso à exposição são bons exemplo deste estilo, que não iria fazer escola. Por seu turno, o Pavilhão da Cidade de Barcelona, de Josep Goday, iria ser reproduzido nas construções escolares da Catalunha durante os anos 30. A tendência barroquizante surge na maioria dos edifícios, como referência constante aos modelos do século XVIII.

Tanto uma tendência como a outra, que marcaram a Escola das Belas-Artes, procuraram demonstrar a grandeza de um país que, apesar de não ter participado na Primeira Guerra Mundial, tinha com ela sofrido reveses económicos, sociais e políticos.

É curioso observar que, mesmo os arquitectos que se situavam nas correntes modernistas, nos seus projectos para a exposição puseram de parte essa tendência e procuraram a tradição e a história. É o caso de Josep Puig i Cadafalch, Luis Domànech i Montaner, que fizeram projectos para a exposição de 1917, e Antoni Darder, autor dos pavilhões de Arte Moderna, da Companhia de Tabacos das Filipinas (no qual optou pelo estilo *déco*) e do Pavilhão do Estado Espanhol. Enric Sagnier é a excepção a esta regra: o seu Palácio das Diputaciones é tão ecléctico como qualquer das suas obras anteriores ou posteriores.

Os pavilhões destinados à

O pavilhão da Companhia de Tabacos, que reflectia um gosto *art déco*, representava as Filipinas.

indústria acabaram por revelar-se os edifícios mais interessantes do ponto de vista arquitectónico, conjugando forma e funcionalidade e seguindo duas opções vanguardistas: a arquitectura *déco* e a racionalista. No primeiro caso integram-se algumas soluções arquitectónicas dos pavilhões da França e da Companhia de Tabacos das Filipinas e o Pavilhão dos Artistas Reunidos. O racionalismo surge no pavilhão da Suécia e em toda a representação alemã. O pavilhão alemão, a cargo do arquitecto Mies van der Rohe e L. Reich, foi o mais importante e inovador edifício de toda a exposição.

AS OPÇÕES PORTUGUESAS

Portugal apostou modestamente na Exposição Internacional de Barcelona. A sua representação, não oficial, saldou-se pela presença de algumas empresas que promoveram produtos industriais e de artesanato, com o apoio da Câmara de Comércio e do Consulado Português em Barcelona. Esta última entidade haveria de se queixar ao Ministério dos Negócios Estrangeiros português da fraqueza da representação portuguesa e da oportunidade que se perdia ao nível da promoção dos produtos nacionais: "Teria sido de grande vantagem para os industriais portugueses o terem-se apresentado nesta exposição em maior número e com os seus melhores mostruários, visto ser esta a exposição mais visitada, tanto pelos nacionais como pelos estrangeiros." O remoque no relatório do cônsul português em Barcelona refere-se à Exposição Ibero-Americana de Sevilha, que decorria paralelamente e que, essa sim, contou com uma representação oficial portuguesa de pompa e circunstância.
De facto, alguns dias antes da inauguração do certame de Sevilha partiu expressamente de Lisboa o paquete *João Belo* levando a bordo 97 pessoas, entre os quais os jornalistas João Pereira da Rosa, Gustavo de Matos Sequeira, Abel Moutinho, padre Miguel de Oliveira e Nogueira de Brito. O paquete dirigiu-se a Sevilha, onde ficou ancorado durante uma semana. No dia da inauguração partiram ainda três hidroaviões portugueses com destino à capital da Andaluzia para abrilhantar a presença portuguesa, num voo que durou cerca de três horas.
A 9 de Maio, data da inauguração da exposição de Sevilha, era divulgada uma nota do seu comissário régio, D. José Cruz Conde, dedicada a Portugal: "Portugal e Espanha, as duas nações irmãs, devem

O pavilhão alemão, da autoria de Mies van der Rohe e L.Reich, é ainda hoje exemplo do modernismo na arquitectura. Este edifício, assim como a cadeira *Barcelona*, marcaram para sempre os cânones estéticos deste século.

sentir e realmente sentem, com igual intensidade, o alto e nobre significado espiritual do futuro certame ibero-americano que simultaneamente renderá uma merecida homenagem ao magnífico, glorioso e cultural esforço que os dois países realizaram na América e procurará, seguramente com êxito, criar uma maior inteligência e contacto entre povos que por vínculos comuns de raça e de idioma podem e

devem entender-se facilmente para cooperar reunidos na santa obra de paz e progresso humano."

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, comandante Quintão Meireles, encabeçou a comitiva portuguesa na inauguração. A cerimónia foi presidida pelos reis de Espanha e nela compareceu também o general Primo de Rivera, bem como os nomes mais sonantes da nobreza espanhola. Tanto o paquete *João Belo* como os hidroaviões portugueses chegaram durante a cerimónia inaugural e foram saudados pela multidão.

O momento alto da presença portuguesa aconteceria no dia 11 de Maio, data da inauguração oficial do pavilhão português, projectado pelos irmãos Rebelo de Andrade e executado em 357 dias. Este pavilhão funciona actualmente como consulado português em Sevilha.

Para receber os reis nesta cerimónia estiveram presentes Quintão Meireles, o embaixador de Portugal Melo Barreto, o comissário régio da exposição, a oficialidade da divisão naval, elementos do pavilhão e muitos portugueses que propositadamente se deslocaram a Sevilha.

O rei apresentou-se à cerimónia fardado de almirante e ostentando o colar da Grã-Cruz da Torre e Espada. Com ele estavam a rainha D. Vitória, as infantas, D. Maria da Paz, tia do rei, os infantes D. Carlos e D. Afonso de Bourbon, o general Primo de Rivera e os ministros do Trabalho, Fazenda, Graça e Justiça, Instrução e Fomento.

Vale a pena transcrever a prosa do enviado especial do *Diário de Notícias*: "É percorrido em primeiro lugar o salão da agricultura. O infante D. Afonso de Bourbon atarda-se um pouco do grupo e fica admirando e elogiando os *panneaux* de Armando Lucena.

Na Sala das Colónias, D. Afonso XIII marca atenções muito especiais pelo stand da Companhia dos Diamantes de Angola. Detém-se demoradamente em frente do mapa, em relevo, de Cabo Verde. Diante do stand da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, o rei maravilha os portugueses que mais perto lhe ficam, falando da África Ocidental Portuguesa e dos seus principais problemas, em pleno conhecimento de causa. Olha também com interesse evidente o mapa colonial português, ao qual faz comentários lisonjeiros. Toda a sala e a maioria dos mostruários lhe merecem palavras de encómio."

O rei visitará ainda a Sala do Comércio e Indústria, destacando com a sua atenção os tapetes de Beiriz, os aparelhos naúticos e os trabalhos executados no Parque Aeronáutico de Alverca, os mármores, os azulejos, os ferros forjados e o stand dos Vinhos do Porto. Uma fonte

de mármore de Raul Lino, as duas cabeças de elefante encimadas por um túnel percorrido por um comboio miniatura da Companhia de Caminho de Ferro de Benguela e a reprodução em cristal das melhores pedras preciosas extraídas pela Companhia de Diamantes de Angola merecem igualmente a atenção da comitiva real.
No dia seguinte, o *Diário de Notícias* faz manchete com os comentários ouvidos: "Como ha sido hecho esto en tan poco tiempo? solo por un milagro", terá exclamado o rei de Espanha perante o pavilhão português. "Una rara preciosidad", terá retorquido a rainha. "La paloma de la Exposición", concluiria, no entender da imprensa, o povo sevilhano.
Perante a descrição da presença portuguesa na Exposição de Sevilha, não espanta o melindre do cônsul português na cidade catalã aquando da inauguração desta exposição: "A secção industrial (portuguesa) está instalada no Palácio Meridional. O concurso de Portugal foi organizado pelo Consulado de Portugal em Barcelona e pela Câmara de Comércio Portuguesa em Barcelona, sendo de sentir que o esforço feito por estas da entidades não tivesse sido secundado mais eficazmente pela Indústria e Comércio Portugueses, ainda que tenham concorrido à Exposição 162 expositores, nas diferentes secções, apresentando: pratas artísticas, cutelaria, tecidos em geral, calçado de luxo, tapetes, artigos de malha, cortiças, conservas, artigos de viagem, artes gráficas, porcelanas, quinquilharia, chapéus, vinhos, licores, azeites, instrumentos de música, mármores, cerâmica e vários outros artigos.
A parte artística está exposta no Palácio de Arte Moderna e está composta por quadros e bronzes de artistas de renome tais como Columbano, Carlos Reis, António Carneiro, João Vaz, Gameiro, etc.
Tanto as artes como a indústria portuguesa destacam-se pela sua perfeição", resumia entristecidamente o cônsul Fernando Abecassis em relatório enviado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e ao ministro do Comércio e Comunicações no dia 23 de Outubro de 1929.
A pobreza da presença portuguesa na exposição de Barcelona radica, afinal, numa opção política mais profunda. É que enquanto a exposição de Barcelona se virava de forma clara para a Europa e para o mundo industrializado, já a de Sevilha contemplava uma opção mais colonialista de África e das Américas. E a escolha portuguesa já estava historicamente feita. Embora tardia, se se comparar com a de outros países europeus com colónias.
Foi após a independência do Brasil, no regime liberal de D. Maria II, que Portugal começou a dar mais importância às suas colónias afri-

Outro aspecto da Exposição. Fontes, escadarias, avenidas tornavam o recinto num lugar privilegiado de lazer e convívio.

canas de Angola e Moçambique. Em 1836 foi abolida a escravatura em todas as colónias portuguesas e foram pela primeira vez nomeados governadores civis para os territórios ultramarinos. Nessa data, a afirmação das fronteiras de Angola e Moçambique era ainda um processo em curso e só no final do século, com o crescente interesse de outros países da Europa nos seus territórios ultramarinos – nomeadamente a Bélgica e a França –, foi considerado necessário levar em conta a defesa das colónias africanas.

Capelo, Ivens e Serpa Pinto são enviados em 1877 atravessar o continente africano, numa iniciativa resultante das primeiras preocupações hegemónicas do governo português em relação a África. Os primeiros descem até ao Congo, Serpa Pinto chega a Victoria Falls, Durban e Pretória.

A pretensão portuguesa de unir Angola a Moçambique e o despique sobre o Congo são decididos na Conferência de Berlim de 1884-85. Os critérios aqui definidos baseiam-se na ocupação efectiva e não

nos direitos de descoberta – que Portugal evocava sobre o Norte do Congo, bem como no Tratado Anglo-Português. África vai tornar-se o elo mais fraco na cadeia da história dos mais velhos aliados, uma vez que tanto a Inglaterra como Portugal têm pretensões territoriais e as zonas de interesse se interceptam. A segunda expedição de Serpa Pinto mostra claramente a vontade de unir, de Angola a Moçambique, as duas costas, mas a Inglaterra reage com o ultimato de 1890 e Portugal tem que ceder. Ficam, de qualquer forma, para Portugal, as vastas áreas de Angola e Moçambique, que juntas somam vinte vezes a dimensão de Portugal, Cabo Verde, Guiné, Índia, Macau e Timor.
A primeira semana do reinado de D. Carlos I é ensombrada pelo ultimato inglês e pela declaração da República no Brasil. Seguem-se tempos de intriga e de agravamento no estado crónico das finanças portuguesas, até que em 1891 se dá o primeiro levantamento republicano no Porto. O resultado é a ilegalização do Partido Republicano e o esmagar da revolta.

Nos últimos anos da monarquia, o estado de bancarrota das finanças públicas é de tal monta que, para equilibrar o orçamento, teriam que ser suprimidos todos os serviços públicos, a marinha e a armada. No início da última década um ministro competente, Ferreira Dias, consegue mitigar o problema do défice e recuperar um pouco a imagem das finanças portuguesas no exterior, para efeitos de concessão de créditos. Mas quando Ferreira Dias tenta aumentar a carga fiscal é obrigado a deixar o cargo.
A partir de determinada altura, a Inglaterra volta a ser o parceiro português na ajuda financeira. O reatar das relações amistosas entre os dois países deveu algo à visita que D. Carlos I realizou em 1897 a Londres, e também às pretensões alemãs em África, que levam os dois países da Aliança a reafirmar os princípios do texto de 1661, no qual a Inglaterra se comprometia a defender os interesses ultramarinos portugueses como se fossem seus.
No início do século a política colonial portuguesa é reforçada pelo surgimento de João Franco, dissidente e promotor do liberalismo regenerador, mas tanto os franquistas como os republicanos são banidos das eleições.
As severas medidas tomadas contra os movimentos revoltosos, as deportações sem julgamento para Timor e as imposições de carácter ditatorial têm como resultado um reforço dos movimentos revoltosos que, em última análise, atingem também a Coroa. É neste contexto que surgem os movimentos anticlericais no Porto, as revoltas de estudantes em Coimbra e os tumultos nas Cortes, apenas interrompidos pela visita a Lisboa de Edurdo VII, em 1903.
Em 1906, D. Carlos chama João Franco para o poder. A ditadura de João Franco vai mais longe do que tudo o que fora feito antes e em 1907, por decreto, passa por cima da Constituição e dissolve as Cortes. Depressa os principais munícipes portugueses, descontentes, são substituídos por comissões administrativas. Muitos jornais são suprimidos, surgem novos crimes de ofensa política e são criados novos tribunais para os julgar.
A seguir a uma tentativa falhada de golpe de Estado em Janeiro de 1908, Franco decreta a lei marcial em Lisboa e consegue do rei a revalidação do decreto que permitia a deportação de inimigos políticos para Timor. No dia seguinte, o rei e o seu filho primogénito são assassinados e o segundo filho, Manuel, é ferido. João Franco é destituído pelo novo rei, e após uma tentativa de virar o exército a seu favor, refugia-se em Espanha.
A maior dificuldade que D. Manuel II vai encontrar, nos seus dezoito

anos inexperientes a nível político, é a impossibilidade de promover uma política de conciliação. Ele restaura a liberdade de imprensa e de associação, mas os republicanos conquistam cada dia mais adeptos. Operando através de uma sociedade secreta, a Carbonária, vão-se infiltrando nas Forças Armadas enquanto o rei, em dois anos, ensaia a governação com seis executivos diferentes.
As eleições de Agosto de 1910 dão aos republicanos um forte peso político e em 5 de Outubro de 1910 o regime republicano toma conta do país sem oposição de monta. D. Manuel II refugia-se em Inglaterra e a monarquia baixa os braços.
O governo provisório de Teófilo Braga decretou a separação da Igreja e do Estado, secularizou a educação, aboliu a Faculdade de Teologia de Coimbra e criou novas universidades em Lisboa e no Porto.
A Constituição de 1911 garantia liberdade de expressão, de associação, de crença. O parlamento passava a ser composto por uma câmara de deputados, eleitos por três anos, e um senado, eleito por seis anos. O parlamento resultante das eleições não poderia ser dissolvido nem pelo presidente da República. O sufrágio universal cingia-se aos cidadãos maiores de vinte e um anos, que soubessem ler e escrever e fossem chefes de família.
O primeiro governo constitucional da República durou dois meses. As maiores ameaças ao regime provinham das greves gerais constantes e dos atentados bombistas, mais do que do partido monárquico, entretanto reforçado com o pacto feito em 1912 entre D. Manuel e o seu primo D. Miguel.
Em 1914, quando rebenta a Primeira Guerra Mundial, Portugal revela claramente a sua posição quanto aos territórios africanos. Anunciando que se mantém neutral, envia tropas para Angola e Moçambique, onde as incursões germânicas começam a dar-se. E o factor africano foi decisivo para o parlamento autorizar o governo a entrar na guerra.
Em Março de 1916, devido à retenção em mar português de vasos de guerra germânicos, a Alemanha declarou guerra a Portugal e no início de 1917 uma força de 25 mil homens embarcou para a França e para a Flandres, onde lutaram de forma valorosa na Batalha de La Lys.
A situação interna continuou tumultuosa e em Dezembro de 1917 um novo golpe militar depôs o presidente e colocou no seu lugar o chefe dos militares, Sidónio Pais, que iniciou a Nova República.
O novo presidente amaciou a tensão existente entre a República Nova e a Igreja e foi sob os seus auspícios que as relações do Estado português com o Vaticano foram reatadas, abrindo portas à nova

Concordata de 1940. Mas Sidónio Pais seria assassinado em Dezembro de 1918.
De 1919 a 1921 sucederam-se no governo dezasseis elencos diferentes, com consequências graves para o estado precário das finanças públicas do país e para o valor do escudo, que caiu a pique. Em 1921, um novo golpe acaba no assassinato do primeiro-ministro António Granjo e de cabeças de cartaz da extrema-direita do republicanismo.
Este período tumultuoso só terminou no movimento de 28 de Maio de 1926, que instaurou a ditadura em Portugal, mais tarde chamada Estado Novo, e que se propunha restabelecer a ordem. Essa ordem só seria realmente conseguida depois de 1931, data até à qual se deram alguns levantamentos, mas nessa altura Carmona já se declarara a si próprio primeiro-ministro e presidente interino, único sobrevivente do triunvirato que inicialmente conduzira o movimento.
Em 1928, o governo foi buscar para a pasta das Finanças um professor de Coimbra que viria a ficar no poder durante quarenta anos. Nessa altura, Portugal negociara um empréstimo externo com a Inglaterra cujas condições foram consideradas atentatórias da soberania nacional e que, por esse motivo, acabou por ser recusado.
Oliveira Salazar impôs um orçamento restritivo baseado na premissa de que as despesas do Estado não deveriam ultrapassar as receitas. Assim sendo, chamou a si a função de adelgaçar os orçamentos dos vários ministérios e em 1928-29 o orçamento do Estado português, pela primeira vez em setenta e cinco anos, foi equilibrado. Tal como seria daí em diante durante o Estado Novo.
Apesar de inicialmente ter tido alguma contestação pela sua rígida política nas contas públicas, o professor de Coimbra gozava de grande respeito no meio académico. À medida que as suas decisões mostravam resultados – gerir o orçamento do Estado como uma dona de casa gere o orçamento familiar – a sua popularidade foi crescendo. A somar a esse, outros factores na sua idiossincrasia ajudaram à popularidade deste professor. Juntava às virtudes técnicas um catolicismo firme – chegara a estudar para padre –, uma frugalidade na vida pessoal e tinha uma aura de asceta.
As notícias de política interna nos jornais de 1929 mostram bem o carácter ascensional da fama de Oliveira Salazar – todas as iniciativas das Finanças tiveram lugar de primeira página, e mesmo as que diziam respeito ao ministro, como estado de saúde, visitas oficiais, etc., correspondiam a notas na primeira folha dos diários. Salazar tornar-se-ia primeiro-ministro em 1932 e permaneceria à frente de

Perspectiva de uma das avenidas do recinto. Esta pequena cidade arrastava curiosos a descobrir aspectos culturais de um pais em transformação.

sucessivos governos como presidente do Conselho até 1968, data em que adoeceu irreversivelmente.

Na viragem para o século XX, Paris continuava a ser a Meca dos artistas portugueses, que aí lutavam contra a herança inerte do naturalismo do século anterior. Ou assumiam-na, em formas por vezes patéticas. As correntes modernistas viriam a entrar em força em Portugal nos anos 30 e a dominar as artes até final dos anos 40. Até isso acontecer, as décadas de 10 e 20 são marcadas pelo perdurar da herança do século anterior e pelos primeiros arrojos de diferença, surgindo na cena das artes portuguesa alguns nomes que mais tarde farão escola.

Em Portugal, como descreve José-Augusto França, o modernismo entrou pela mão do humorismo na I Exposição dos Humoristas Portugueses, organizada pelo filho de Bordalo Pinheiro e que se realizou em Maio de 1912 em Lisboa. Aí expuseram Almada Negreiros, Jorge Barradas, Cristiano Cruz e o escultor Ernesto do Canto, evidenciando evidentes influências alemãs e francesas.

Em 1913, Almada Negreiros faz uma exposição individual, que Fernando Pessoa destaca em *A Águia*, e nos anos seguintes o centro das exposições dos modernistas muda-se para o Porto, abarcando agora Abel Salazar e A. Basto. O termo modernismo era aqui usado com pouca parcimónia, sugerindo sobretudo um mundanismo. O III Salão dos Humoristas, que se realiza em 1920, sintetiza as linhas gerais desta leva de artistas na qual se destaca uma revitalização na produção de cartazes protagonizada por Almada Negreiros, António Soares e Armando Basto.

A primeira vaga de futurismo é entretanto assumida por Santa-Rita Pintor, e continuada na revista *Orpheu*, de Mário de Sá-Carneiro. O futurismo começou por ser polémico a nível das suas interpretações políticas, sobretudo nas prosas de Fernando Pessoa e Álvaro de Campos, Raul Leal e Almada Negreiros – este com o manifesto anti-Dantas. A seguir ao suicídio de Sá-Carneiro em Paris, José Pacheko abre uma galeria em Lisboa apelidada de Salão dos Futuristas e cujo momento alto é a exposição de Amadeo de Souza-Cardoso, que apesar de reclamar para si uma diversidade de estilos – entre os quais o cubismo – logo foi rotulado de futurista. Almada Negreiros é o grande paladino público de Souza-Cardoso, que descreve como sendo "a primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX".
Em Abril de 1917, Almada Negreiros tem oportunidade de enunciar os princípios do futurismo ao apresentar publicamente o seu "Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX", continuado depois na única edição da revista *Portugal Futurista*, cujo mentor era Santa-Rita Pintor.
O "Mandato de Despejo aos Mandarins da Europa", de Álvaro de Campos, publicado nesta revista, é considerado por José-Augusto França o texto fundamental do futurismo português. Nele o nacionalismo é fundido de forma feliz com o futurismo num manifesto final de "Voltar costas à Europa", "saudando abstractamente o infinito". Este manifesto será completado no final da década pelo ensaio do heterónimo de Pessoa "Para Uma Estética Não Aristotélica", publicado na revista *Athena*.
O final dos anos 20 encerra o ciclo da primeira geração de modernistas. Morrem entretanto em 1918 Amadeo de Souza-Cardoso e Santa-Rita Pintor; Almada Negreiros, desiludido, prepara-se para partir para Paris. A influência da escola francesa continua a ser dominante no modernismo português dos anos 30. Até final desta década destacam-se nas artes nacionais nomes como o do pintor Eduardo Viana, que já expusera em 1911 e que aprofunda o impressionismo e o cubismo, Abel Manta e Dórdio Gomes.
Muitos outros artistas haveriam de marcar as novas correntes estéticas nas décadas de 30 e de 40; outros, já referidos, haveriam de ser consagrados em Portugal no período posterior ao da Exposição Internacional de Barcelona. É o caso de Almada Negreiros, cuja deambulação entre Lisboa e Paris é curto-circuitada por uma estada em Madrid.
Antes da sua segunda viagem à capital francesa, Almada escreve

(mas não publica) o romance *Nome de Guerra* e fornece o café A Brasileira do Chiado com dois quadros seus, no que constitui uma espécie de iniciação ao estatuto de pintor reconhecido. Mas é na capital espanhola que Almada Negreiros faz a sua primeira grande exposição de desenhos, decora cinemas e zonas da Cidade Universitária. Almada ficaria em Madrid até 1932, data em que regressa a Portugal e inicia uma carreira polémica e de sucesso como artista multifacetado de forte pendor nacionalista.
O pintor António Soares foi um dos humoristas do início do século que partilha a decoração das paredes do café A Brasileira e do clube Bristol com Almada. Ilustrador da moda, Soares inclinar-se-ia para o decorativismo, tal como Jorge Barradas que, com um percurso semelhante, dedicar-se-ia mais tarde à cerâmica. Dentro dos humoristas, destacam-se ainda as figuras de Emmerico Nunes e Stuart Carvalhais, ilustradores populares que vão também marcar presença nas encomendas de A Brasileira do Chiado e Bristol.
No campo da escultura viria a distinguir-se em 1928 Francisco Franco, autor do monumento a Gonçalves Zarco, que se consagraria pelo seu rigor formal como o correspondente na estatuária ao trabalho pictórico de Nuno Gonçalves.
Na arquitectura, o modernismo começaria a ser visível já nos anos 30, mas é possível encontrar alguma obra em final da década de 20 dos principais obreiros desta transformação: Cristino da Silva (Capitólio, liceu de Beja, moradia de Natal da revista *Eva*), Pardal Monteiro (Instituto Superior Técnico, Instituto Nacional de Estatística) e Carlos Ramos (Pavilhão do Rádio), numa linha racionalista inspirada por Le Corbusier e Gropius.
No campo das publicações, além das já referidas, merece destaque a revista de José Pacheko, *Contemporânea*, lançada em 1922 e de gosto assumidamente modernista, com uma prática acentuada de mundanismo e nacionalismo. De resto, no panorama da imprensa dos anos 20 abriam as portas aos modernistas apenas o *Diário de Lisboa* e, ocasionalmente, o *ABC*, a *Ilustração*, o *Magazine Bertrand* e, a partir de 1926, *O Sempre Fixe*. Nas publicações literárias contavam com colaboradores da nova vaga a *Seara Nova*, *O Diabo* e a *Presença*.
Foi em 1924 que A Brasileira do Chiado encomendou onze telas aos modernistas de Lisboa: Almada, Viana, Soares, Barradas, Stuart e Pacheko, quadros que manteria até 1970. As obras foram expostas pela primeira vez no Salão de Outono de 1925, iniciativa de Viana que foi de grande sucesso e que reuniu dezenas de artistas. Apesar

de inúmeras tentativas de dar continuidade a esta iniciativa, só cinco anos depois um salão de modernistas viria a atingir o sucesso do Salão de Outono.
Nos anos 30 e 40 o modernismo português consegue impor-se ao nível do gosto oficial pela mão de António Ferro que, por sorte, é um dos cicerones disponíveis para a Exposição Internacional de Barcelona.

SOLENIDADES DOS PRIMEIROS DIAS

A exposição de Barcelona foi inaugurada com a pompa e a solenidade previstas. Na altura, nada indiciava os acontecimentos que se precipitariam durante o seu tempo de vida, e que faria dela um produto híbrido. Internacional aquando da abertura, mais tarde nacional por força da inércia e da ultrapassagem dos prazos estipulados... Filha do génio catalão mas também da vontade do ditador, de que ficaria órfã antes da data de encerramento prevista... Orgulhosa do capitalismo de mãos dadas com a indústria, e pilhada depois da queda da Bolsa de Nova Iorque pelos industriais necessitados de reaver os bens mostrados... Tantos anos adiada pela adversidade, para acabar adiada ela própria pela falta de vontade de lhe dar um fim...
Os Portugueses puderam seguir as peripécias da inauguração pela pena de António Ferro. Ele próprio mais tarde um extraordinário fazedor de propaganda, eficaz porque conhecedor e talentoso. Na altura o mais famoso *globe-trotter* do jornalismo português, António Ferro chegou a Barcelona alguns dias antes da inauguração da exposição. A crónica impressionista, de escrita fácil, do que viu, abria a manchete do *Diário de Notícias* de 21 de Maio de 1929.
Nesta época, António Ferro não tinha ainda iniciado a série de entrevistas a Salazar que o lançariam como o motor do *marketing* político do Estado Novo (seria director do Secretariado da Propaganda Nacional e da Secretaria Nacional da Informação e Turismo entre 1933 e 1950) mas afirmara-se já como escritor modernista, o benjamim do grupo do *Orpheu*, como conferencista provocador e como catalisador de alguns grupos de dinamização cultural. Para lá da sua capacidade criativa como escritor e dramaturgo e do curso de Direito que quase terminou, António Ferro cedera na época da sua ida a Barcelona a uma paixão maior: o jornalismo internacional.
A exposição de Barcelona parece ter impressionado realmente António Ferro. Não tanto por se fazer fé no expediente narrativo mas porque

mais tarde algumas das construções que refere nesta crónica foram por si postas em prática, enquanto secretário da Informação e Turismo: o concurso "A aldeia mais portuguesa de Portugal" e a fundação do Museu de Arte Popular, por exemplo. E quem sabe se o facto de ter sido secretário-geral da Exposição do Mundo Português e dos Centenários de 1940 não nasceu da exaltação que se cita e que surgia sob o título: "No Parque de Montjuic – A exposição de Barcelona e o milagre da Catalunha". "Barcelona é a cidade infinita de Espanha. Tudo lhe serve de pretexto para aumentar, para subir, para crescer. Está constantemente em obras, obras que não são palavras, obras em

A abertura das portas da Exposição. Na presença real e das classes dirigentes consumava-se, perante milhares de pessoas, o milagre da Catalunha.

cimento armado, em mármore, em ferro, obras que saem das suas fábricas, fumo que sai das chaminés e não se perde... sempre em obras, sempre... Ontem, hoje, amanhã... Uma orquestração permanente de picaretas, roldanas, guindastes e martelos. Todos os dias uma nova estátua, uma nova praça, uma nova ponte, um novo arranha-céus... Não há produção literária que chegue a esta produção vital, a estes volumes que surgem, diariamente, nas estantes das ruas... A Exposição de Barcelona é apenas uma erupção mais violenta desta ânsia de infinito, deste vulcão nervoso da Catalunha. A exposição de Barcelona é uma cidade sonhada por outra cidade, uma brincadeira de gigantes..."

Os hóteis de Barcelona destinados aos turistas da exposição obedecem a uma fria lógica numérica. O Hotel número 1 é o hotel rico, o número 2 é em princípio exclusivo para senhoras... António Ferro fica instalado no Hotel número 3 onde se sente arrumado como que numa gaveta. Na janela do quarto 210, com vista para a Praça de Espanha, os ritmos de Barcelona não pedem licença para entrar: "A sinfonia de sempre, a sinfonia da colmeia: a ânsia do terminar e a certeza do nunca mais terminar... Depois de uma praça outra praça, depois de uma rua outra rua... A exposição de Barcelona não é nem quer ser um teatro de papel: é o monumento que Barcelona está levantando a si própria."

E Ferro não resiste à comparação com Sevilha, por essas alturas também em festa de exposição: "A exposição de Sevilha, pelas atitudes que lhe conheço, deve ser uma exposição mulher, algo de cigana e bailadeira, corpo e imaginação de Xehrazade, romantismo e volúpia, o banco dos namorados e o banho da sultana. A exposição de Barcelona, ao contrário, é uma exposição máscula, severa, americanizada, os doze trabalhos de Hércules. A Praça da Catalunha tem um leque nas mãos, o leque da velha Praça de Touros. Chama-se 'Arenas de Barcelona', perfume da Andaluzia que chegou ali sem se saber porquê..."

A fonte da Praça de Espanha, na altura ainda ladeada de tapumes deixando perceber a sua monumentalidade, não podia deixar de ser assustadora para o escriba. "Ao centro da Praça de Espanha, uma fonte monumental que eu tenho medo de ver acabada. Gosto dela tal como está, meia coberta por tapumes, defendida ou atacada por andaimes altos, torres de madeira que evocam as guerras primitivas, os complicados aparelhos medievais... Tenho receio de certas ingenuidades, de certos meninos bisbilhoteiros, traquinas, que se adivinham através da armação, das vigas, do vai e vem das máquinas... O que irá dar à luz aquele bloco entrapado, emparedado... Enfim... Ninguém diga da água da fonte não beberei... É possível que a fonte – e quem sabe se será uma fonte – me deslumbre e me convença, depois de acabada, tal como o Palácio Nacional, verdadeiro estandarte da exposição, direi melhor, Sua Excelência El-Rei do Parque de Montjuic."

Suficientemente conhecedor do modernismo e homem de grande cultura no campo artístico, António Ferro não consegue mais do que uma admiração condescendente pelo esforço que representa o Palácio Nacional. Palácio cuja função é evidente. "Não há que discutir estilos, orientações, não há que meditar sobre pormenores de

" O Palácio Nacional é o maestro rígido, severo, que agitará, amanhã, como batuta, a bandeira de Espanha..."

bom ou de mau gosto, há que ficar esmagado sob o peso da obra monumental, única, o verdadeiro dó de peito de Barcelona. Aquilo é enorme como esforço, como ânsia, como ascensão. A harmonia suprema dos contrastes: cúpulas, torres, minaretes, janelas, arcarias, portas, arquitraves, tímpanos – um céu de arquitectura sobre Barcelona. Em frente do panorama, da cidade orquestrada pelo trabalho quotidiano, febril, o Palácio Nacional é o maestro rígido, severo, que agitará, amanhã, como batuta, a bandeira de Espanha..."
O maestro de que fala António Ferro encerra os símbolos máximos da grandeza da exposição. Entrar no Palácio Nacional é essencial para se perceber os sinais do orgulho de Espanha. São mármores, escadarias reais, colunas com caprichos, parquetes espelhados, grades de ferros que são rendas de bilros em mãos de gigantes, tapeçarias da fábrica do Prado, panos de Arrás, damascos, tapetes enormes, paramentos. A sala principal, concebida para albergar a cerimónia inaugural da exposição, anuncia-se com capacidade para 15 mil pessoas. Decorada para um destino real, com armas bordadas de todas as cidades espanholas à volta das galerias. Armas de Espanha bordadas a oiro em veludo vermelho, emprestadas pela casa da Granja de Segóvia. Galerias, brasões, escudos, um órgão preparado para tocar na hora do início da festa, a da largada das pombas brancas. A rivalizar com a sala do trono, a sala museu ostenta armaduras, quadros de Pantoja e Sanchez Coello, faianças de Talavera, iluminuras, o escudo de Portugal, punhais e gravuras...

Seguindo a sensibilidade deste cicerone, a sensação ao deixar o Palácio Nacional é a de milionário fatigado. Logo recomposto pela frescura do Pueblo Espanhol, por onde se entra pela porta de Ávila. "Lá dentro é o maravilhoso tapete de retalhos, uma rua fresca da Andaluzia, uma dessas ruas que dão apertos de mãos, mãos entrelaçadas, uma casinha galega aconchegada como uma boina, a Esclavitud de Sant'Iago, certas portas medievais curvas como sobrancelhas, janelas românticas, varandas gradeadas, vasos de cravos, a loja do ferreiro com a sua *enseigne* recortada e abelhuda, a Barberia *Arcos de Pas*, audaciosa como laçadas de gaúcho, uma *venta* sevilhana com os seus mosaicos e a sua majestosa cabeça de toiro, um cruzeiro galego coroado pela dor de Jesus, igrejinhas, farrapos de cátedra... E, finalmente, a Plaza Mayor, ao centro do Pueblo, com as suas amostras que não se zangam, que não chocam, casas diferentes, rostos diversos, olhos azuis, castanhos ou cinzentos, mas de mãos dadas e de almas dadas. O Pueblo Espanhol da exposição, catálogo vivo de uma pátria, justifica uma viagem a Barcelona. Maravilhoso estúdio para uma série de filmes espanhóis. Entrar no Pueblo é

Ainda hoje é esta a imagem que recolhe a memória de 1929. A força, a criatividade e o empenho catalães espelham-se na imponência do Palácio Nacional.

folhear a Espanha, é entrar, devagarinho, na alma de uma raça..."
As impressões não têm fim, como Barcelona não tem fim. "Continua! Continua! é o grito das picaretas, dos martelos, dos guindastes, das roldanas, das máquinas que britam, das máquinas que asfaltam, dos

Vista da avenida principal do recinto. Por aqui entraram milhares de pessoas à descoberta da alma espanhola.

automóveis, o grito de Barcelona, a ordem suprema da Catalunha!...” Relatam as crónicas que eram cerca de 500 mil os presentes na manhã da inauguração da exposição, uma multidão multicolor apertada na praça em frente ao Palácio Nacional. Espanhóis, na sua maioria, com salpicos de grupos de outros países da Europa, enganando a espera com saudações, brados e palmas aos voos rasantes dos zepelins e aviões que, de vez em quando, sobrevoavam a praça, desenhando arabescos sobre Montjuic. Os relatos de portugueses descortinam no meio da confusão uma ou outra bandeira portuguesa. Certamente entre bandeiras de outros países representados, que na

sua maioria contaram com representações oficiais no primeiro dia. Um pouco antes das onze horas as personalidades que aguardavam a chegada do rei e da sua comitiva começaram a alinhar-se segundo as regras do protocolo. À frente, o general Primo de Rivera e os grandes de Espanha. E também o corpo diplomático estrangeiro e o alto clero. Académicos e funcionários de todos os organismos oficiais de Barcelona em linhas paralelas, alargando o grupo inicial. Ladeando o caminho a percorrer por D. Afonso XIII e sua comitiva colocou-se a guarda de honra. Que nesta ocasião não contava só com os oficiais especiais do rei mas também os do município e de delegações estrangeiras.

O grupo oficial de Portugal incluiu uma representação de alto nível: o recém-nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros português, Quintão Meireles. Juntamente com o embaixador de Portugal em Espanha, Quintão Meireles encabeçou o grupo de oficiais do cruzador *Vasco da Gama*, expressamente enviado de Lisboa para esta solenidade e chegado na véspera ao porto da cidade. Perfilados, aguardavam também a chegada de Afonso XIII, que ficara hospedado no Palácio de Pedralbes. Na ficção de Eduardo Mendonza que reconstitui este momento, é um rei um pouco irritado e com uma persistente desconfiança dos Catalães que se dirige para a cerimónia: "Sua Majestade D. Afonso XIII ia calçando as luvas pelos salões e corredores do Palácio de Pedralbes, em direcção a cuja saída um camarista o conduzia. Que disparate!, pensava, um palácio tão grande para dormirmos um par de noites. As passadas que dava obrigavam o séquito a adoptar um trote curto; só a rainha, que era inglesa, podia sustentar o seu passo sem esforço aparente, inclusivamente ir falando com ele enquanto andavam. Já reparaste? perguntava-lhe sem afrouxar a marcha, esta é a segunda Exposição Universal que inauguro em Barcelona. Na anterior era um fedelho de dois anitos apenas; claro que não me lembro de coisíssima nenhuma, mas a minha mãe costumava contar-me estas coisas. As recordações da sua infância eram sempre recordações oficiais: o pai, D. Afonso XII, tinha morrido mesmo antes de ele nascer. Já nasci sendo rei de Espanha, costumava dizer. No momento do parto as parteiras e as enfermeiras tinham feito a vénia antes de lhe açoitarem as nádegas para lhe provocarem o primeiro choro. Isso tinha-o feito ficar muito ligado à mãe desde o princípio. Agora ela acabava de morrer. Aos quarenta e quatro anos todas as coisas acontecem já pela segunda vez, no mínimo, disse, ao subir para a berlinda blindada que havia de conduzi-lo a Montjuic."

As palavras inaugurais do marquês de Fronda, director-geral da exposição e do alcaide de Barcelona não chegaram a ser ouvidas fora do salão do palácio. A acreditar em versões que noutros campos se mostraram moderadas, as palavras do general Primo de Rivera sofreram de maiores contrariedades do que as acústicas, uma vez que a multidão aproveitou o anonimato para lhe lançar algumas vaias, contrariadas de imediato por fortes aplausos. Os relatos da época dão conta de forte salva de palmas. Descrições posteriores da mesma cena referem uma vaia em uníssono. O rei recebeu o corpo diplomático para os cumprimentos da praxe, após o que assomou à varanda e declarou inaugurada a exposição. Foi o sinal para a anunciada lar-

gada de 40 mil pombas. No meio de um burburinho geral, milhares de asas brancas voaram soltas sobre Montjuic, seguidas pelos olhos da multidão. Até que um rumor de água obrigou as cabeças a baixar e concentrou as exclamações de espanto nas fontes, espalhadas por todo o recinto, que iniciaram o seu jorro. A seguir à água ouviram-se as sirenas, os morteiros, o hino de início de actuação da banda. De espanto em espanto, a multidão ficou suspensa por um instante. Mas logo ganhou fôlego e invadiu as ruas e praças.

Nessa noite os reis de Espanha ofereceram um banquete para cerca de mil pessoas. Desse banquete, António Ferro guardou uma memória viva que dias depois publicaria no *Diário de Notícias* numa saborosa crónica de costumes: "Saboreio essa visão moderna, a visão

O pavilhão da Suécia

duma rainha a fumar diante de mil pessoas. Nem a mais ligeira alteração no seu perfil, na sua majestosa imobilidade. Dir-se-ia que está sonhando que fuma um cigarro e que nós vemos o sonho à transparência dos seus olhos. (...) Senhoras portuguesas! Sua Majestade a Rainha Vitória Eugénia fuma o seu cigarro de quando em quando, mas fuma como uma rainha e não cruza a perna... Reparem bem: Fumar como uma rainha é um pouco diferente de fumar como um homem, mesmo quando esse homem é um rei."

Os primeiros dias da exposição foram dedicados a diversas solenidades. É o caso da cerimónia de bênção da cidade pelo bispo de Barcelona, mas também da inauguração de alguns pavilhões como o

da Bélgica, da Dinamarca, da França e da Espanha. Inauguraram-se ainda os estádios e realizou-se o Congresso Luso-Espanhol para o avanço das ciências. Quarenta professores portugueses participaram neste congresso.
As contas ao tamanho de cada pavilhão, à quantidade de expositores de cada país e às individualidades nacionais presentes em cada acto e banquete concentraram as atenções sociais durante os primeiros dias. No dia 26, uma semana depois da inauguração, os reis de Espanha visitaram a zona onde se expõem as peças portuguesas.
O ponto alto do protocolo da representação portuguesa foi um banquete oferecido pela Câmara de Comércio Portuguesa, durante o qual o ministro Quintão Meireles entregou a Cruz de Cristo ao marquês de Fronda. Outros países aproveitaram a primeira semana para marcar a sua presença. Como a França, que realizou um grandioso baile, uma récita de teatro lírico pela Ópera de Paris e um concerto. Decorreram ainda nos primeiros dias um concurso hípico, provas desportivas e uma festa rija andaluza no Pueblo Espanhol.
Mas no fim da primeira semana de festividades muito estava ainda por acabar no recinto da exposição. Nas ruas poeirentas e, nalguns casos, improvisadas, milhares de operários continuavam a trabalhar, contrastando este frenesi de última hora com a grandiosidade da obra já feita. Sete dias depois da abertura, nada se sabia ainda quanto ao que viriam a conter os palácios da Electricidade, do Trabalho, das Projecções, dos Transportes, cuja conclusão estava atrasada.
Depois de inaugurado pelos reis de Espanha, o pavilhão da Bélgica voltou a encerrar para ser terminado. O da Alemanha, ao fim de sete dias de exposição, era ainda apenas uma parede de mármore. E apesar de ter ficado pronto a tempo, o pavilhão francês revelou-se uma desilusão para os intelectuais desejosos de aí respirar um pouco da espiritualidade que a França desses tempos evocava. Contemplava uma exposição de artes decorativas, perfumes, marroquinaria, moda, moedas e jóias *Cartier*. Para além de uma mostra de automóveis, a que não era alheio o facto do senhor Citroën ser director do comité francês.
Nada disso, no entanto, seria suficiente para desviar a atenção do visitante dos jogos de água, luz e cor, sem dúvida a realização mais bem conseguida da exposição de Barcelona. Aos quais António Ferro também não resistiu. "À entrada uma avenida de lâmpadas gigantescas, troncos de luz que não são varinhas mas varas de condão. Repuxos aviadores que se elevam e morrem, cascatas que são peças

O pavilhão da Jugoslávia.

de seda que a mão de um gigante desdobrará sem repouso, fontes que são poetisas e rimam com outras fontes... jogos de água que são jogos de meninas de cabelos caídos a saltar à corda."

Mas mais que tudo, é Barcelona que merece a última homenagem do jornalista: "Subo até aos jardins de Miramar: o grande olhar, o olhar definitivo sobre Barcelona. O casario torvo da metrópole fabril. Milhares e milhares de telhados, as cabeças de uma infinita multidão, chaminés, arranha-céus, agulhas de catedral, gestos altivos de Barcelona, gestos irmãos, um sorriso de um pároco, o traço de uma avenida, a clareira de uma praça, a alegria das *mirambulas*. Colombo que vai descobrir outro novo mundo na altura do seu pedestal, toda uma cidade de braços erguidos para o altar de Montjuic, andar aos ombros da Catalunha... Debaixo dos meus

olhos, o porto sonegado onde estão guardados, como se fosse numa caixa sem tampa, os barcos estrangeiros e os barcos espanhóis embandeirados infantilmente. Apetece pescá-los à linha como se fossem peixes. Longe do grupo, noutro molhe, sozinho no seu orgulho, o nosso *Vasco da Gama* com os seus dois canos e com o lenço gritante da nossa bandeira a dizer-lhe adeus... No cais, centenas de caixotes. Têm automóveis dentro – dizem-me. Tão pequenos me parecem que supus que só tinham charutos. O olhar perde-se no panorama. Barcelona segue, marcha – não sei para onde. Montjuic é um pormenor. Os 140 milhões de pesetas que se gastaram na exposição, uma insignificância. O Palácio Nacional, mais um palácio. O Pueblo Espanhol um brinquedo. A grande exposição de 1929 está diante dos meus olhos: é Barcelona."

UM ROTEIRO SELECCIONADO

Numa exposição deste tipo faz sentido cruzar dois tipos de abordagem, seguindo as linhas mestras da concepção do evento. Há um aspecto mais geral, que se prende com o que poderemos chamar uma visão da floresta. Vista de fora e de longe, a exposição obriga a um deslumbramento dos sentidos, pretende impressionar pela grandiloquência. Neste nível, o olhar segue a monumentalidade dos edifícios, a vastidão dos espaços, aceita as regras da forma, luz e cor. O outro nível, a que podemos chamar o das árvores, trata da minúcia, do número e da variedade. Sem que a memória se sinta tentada a reter tudo, mas ajudando a um sentido geral de universalidade. Mostra-se tudo, porque está lá tudo. E esse tudo é moderno, excitante, científico e técnico. Falamos da função formal dos espaços e do que eles albergam.

O Palácio da Agricultura é composto de dois edifícios, um pórtico para mostrar maquinaria agrícola e um espaço para uma exibição de floricultura. Trata-se de um dos espaços mais extensos da exposição. Está dividido em dois grupos de construções. O primeiro é construído por três corpos de edifício: o de entrada, o da exposição de viticultura, oliviticultura e etnológica e o da exposição de produtos agrícolas. O segundo é um edifício destinado à exposição de maquinaria agrícola. No meio do Palácio foi construída uma praça, no centro da qual estão instaladas as estufas destinadas a conter plantas delicadas.

Na secção de Agricultura têm lugar manifestações de agronomia, estudos da terra e das águas, mapas agrológicos e agronómicos, divisão de terreno cultivável, classificação dos animais domésticos e instituições que têm por objectivo o desenvolvimento da agricultura, crédito agrícola, seguro agrícola, legislação, livros, memórias, estatísticas, explorações agrícolas, modelos de estabelecimentos rurais, materiais e procedimentos de veterinária e de engenharia rural, maquinaria agrícola, viticultura, indústrias agrícolas, adubos químicos, produtos agrícolas alimentícios de origem animal e vegetal, produtos agrícolas não alimentícios, horticultura, arboricultura e floricultura, hortaliças, árvores de frutos e frutos, arbustos e flores para decoração, grãos e sementes, etc. Expõem neste palácio a Alemanha, Áustria, Checoslováquia, Espanha, EUA, França, Holanda, Itália, Suíça e Jugoslávia.

O Palácio da Arte Têxtil, que inclui mostras da Alemanha, Áustria, França, Itália, Suíça e Espanha, referentes a material e procedimentos de tecelagem, branqueamento, tinte, estampado, apresos, tecela-

gem a tecidos de algodão, linho, cânhamo, produtos de cordoaria, fiação e tecidos de seda, artigos de malha, rendas, bordados, retroses, e máquinas para a indústria têxtil.

O Palácio do Vestido, mostra indústrias diversas de vestuário, marroquinaria, chapelaria, camisaria e lençaria, gravatas, calçado, bengalas, chapéus-de-chuva e de sol, botões, fivelas, peles de luxo, seda artificial, etc.

O Palácio das Indústrias Químicas mostra utensílios e aparelhos de laboratório destinados a ensaios industriais, material, aparelhos e procedimentos para a fabricação de superfosfatos, xaropes, velas e glicerina, para a preparação de água oxigenada, cloro, hipercloratos, sódio e outros produtos químicos extraídos de vegetais, vernizes, material e procedimentos para imunizar as águas de consumo, álcool metílico, acetona, ácido acético, material e procedimentos para a elaboração de produtos farmacêuticos, tratamentos das matérias minerais próprias para a iluminação e aquecimento (hulha, petróleo, esquisitos, etc.), matérias e procedimentos para a elaboração de drogas de todas as classes, sabões, gorduras e matérias colorantes; explosivos, fósforos, pirotécnica; tintas, pinturas, etc.

O Palácio da Metalurgia, Electricidade e Força Motriz é um local destinado a mostras relacionadas com geração e utilização da electricidade. Produtos de energia eléctrica, motores, dínamos de fluido contínuo e alterno. Electroquímica. Pilhas, acumuladores, galvanoplastia, aplicação da química industrial. Iluminação eléctrica em todas as suas manifestações. Aplicações diversas da electricidade. Aquecimento por estufas, elevadores, gruas, aparelhos científicos e fornos eléctricos. Força motriz, produzida pelo homem e pelos animais, motores de ar e água, máquina a vapor e motores térmicos de gás, petróleo, éter, álcool, amoníaco e outros líquidos voláteis. Aparelhos diversos de mecânica. Reguladores e acumuladores, roldanas, correias, cabos de transmissão, aparelhos para medir e comprovar o rendimento das máquinas. Com a Espanha, apresenta os seus produtos neste palácio a Alemanha.

O Palácio das Artes Industriais e Decorativas expõe tudo relativo a mobiliário, ebanística e carpintaria artística, cerâmica, vidrarias artísticas, metais, ferros artísticos e bronzes, papéis pintados, cortinados e tapetes, coiros e marroquinarias, pratarias, decoração de igrejas, arte litúrgica, peles, florões artificiais, ourivesaria, brinquedos, bonecos e diferentes artigos de bazar, porcelanas e louças. Expõem neste palácio, além da Espanha, a Alemanha, Áustria, Itália, EUA e Suíça.

Palácio de Afonso XIII. Destinado às mostras do Japão, Finlândia e uma grande secção de França, onde se expõe sobretudo arquitectura. É lá que se encontra também a exposição da Acção Feminina de Barcelona.
Palácio da Artes Gráficas. É ocupado sobretudo com salas de exposições. Mostra aparelhos e máquinas empregues na litografia, tipografia, impressão e calcografia, máquinas de imprimir e compor em preto e em cor e diferentes formas da técnica de impressão. O livro nos seus aspectos técnicos, livros antigos e modernos, colecção de obras, encadernação. Aplicação da fotografia às artes gráficas, reproduções das cores por meio da fotografia, gravuras. Fotografia. Provas obtidas por meio da impressão tipográfica de matrizes em relevo. Mapas topográficos, fotogravado e cromotipia. Expõem a Alemanha, Áustria, Espanha, França e Itália.

Palácio das Artes Gráficas. No seu interior uma mostra exaustiva de maquinaria e técnicas utilizadas na impressão, encadernação e cromotipia.

Palácio das Projecções, com palcos e cabina de projecção de cinema, contém tudo o que diz respeito a fotografia e cinematografia. Aparelhos com ampliações e projecções e para tricromia, acessórios, objectivas e obturadores, lâmpadas, filtros, suportes, etc.
Palácio das Comunicações e Transportes. Exibe o relativo a caminhos-de-ferro, material fixo e móvel. Locomotivas, carruagens para passageiros, carruagens-camas, carruagens-restaurantes; aquecimento dos comboios automático e contínuo; aparelhos de sinais nas linhas férreas, planos e maquetas de edifícios com destino aos servi-

O Palácio das Projecções.

ços ferroviários e carros eléctricos. Automóveis e camiões de todas as classes. Expõem juntamente com Espanha a Alemanha, Áustria, França, Itália e Suíça.
Palácio Rainha Vitória Eugénia. É onde se albergam as representações estrangeiras que não têm pavilhão próprio como a Áustria, Suíça, Noruega, Dinamarca, Jugoslávia, Suécia e também algumas de Espanha.
Palácio de Material Desportivo. Comporta representações desportivas de diversas modalidades, com os respectivos regulamentos.
O Núcleo das Artes de Espanha desenvolve-se em dois edifícios e é sobretudo um compêndio histórico, remontando à pré-história, passando pela civilização romana, as épocas muçulmana e da reconquista, os reis católicos até à actualidade, num total de cerca de 15 mil peças. Um dos edifícios é o Palácio Nacional, de 19 metros de altura e com 38 salas – o maior de todos os edifícios da exposição. O seu salão de festas tem capacidade para abrigar 20 mil pessoas e ocupa uma área de 5 mil metros quadrados.
O outro edifício, chamado de Palácio da Arte Moderna, destina-se especialmente a pintura, desenho e escultura. A técnica da pintura e do desenho, instrumentos e materiais, obras e colecções, os grandes mestres da pintura, a técnica da escultura, materiais: barro, gesso, madeira, mármore, bronze e cinzéis. Obras e colecções escultóricas, moedas, medalhas. A escultura consoante as diferentes épocas, escolas e assuntos e os grandes mestres da escultura.

O Núcleo dos Desportos. Tem como construção principal um estádio, com campo de jogos e capacidade para 60 mil espectadores. O campo de jogos compõe-se de um campo de futebol, de râguebi e pistas de saltos e de lançamentos, bem como pistas para corridas. Há ainda campos de ténis, boxe, esgrima e ginástica, uma piscina para jogos aquáticos e pavilhões de clubes desportivos.
No Pavilhão das Missões o objectivo é dar a conhecer a obra dos missionários espanhóis ao longo da história, através de textos, representações gráficas e em diversos congressos que se realizam neste espaço. As salas do edifício mostram imagens sagradas, quadros de santos e mártires missionários, explicam feitos históricos da conversão, mostram associações auxiliares das missões e revelam com detalhe missões da Índia, Ceilão, Indochina, China, Japão, Oceânia, Marrocos e América.
Palácio da Cidade de Barcelona. Este edifício consta de porão, rés-do-chão e primeiro andar. No porão há uma instalação do porto franco de Barcelona, com o projecto do mesmo e diversas vistas do porto actual. No rés-do-chão encontra-se uma instalação relativa aos serviços da Câmara Municipal de Barcelona. No primeiro andar há uma sala dedicada à origem da cidade de Barcelona e outra destinada à apresentação da evolução da mesma através dos tempos, com desenhos e gravuras. Noutras salas apresenta-se a história da imprensa e, de um modo particular, da imprensa em Barcelona.
O Palácio do Estado Espanhol contém as aportações dos diferentes

Centros Ministeriais e dependências oficiais. Estão representados, entre outros, a Cidade Universitária, Ministério do Trabalho e Provisão, Direcção de Montes, Serviço Hidrológico e Florestal, Direcção-Geral de Obras Públicas, Instituto Nacional de Previsão, Escola Superior de Minas, Minas de Almaden, Fábrica da Moeda e Estampilha, Ensaio do Cultivo do Tabaco, Marinha, Farmácia Militar, Laboratório Central, Intendência, Sanidade Militar, Instituto de Higiene, Artilharia, Fábricas de Granada e Múrcia, Fábrica Nacional de Múrcia, Pirotécnica Militar de Sevilha, Fábrica de Armas de Oviedo, Fábrica Nacional de Toledo e Estabelecimentos Industriais de Engenheiros.

Palácio das Diputaciones. Este palácio é destinado a conter as diferentes aportações das Diputaciones Espanholas por meio de gráficos, planos e maquetas, e um conjunto de serviços mais importantes que têm encomendados.

Casa da Imprensa. Com todas as comodidades da época para que os jornalistas possam cumprir o seu papel.

O Palácio da Imprensa era o quartel-general dos jornalistas que cobriam o acontecimento. Servia também de hotel, dispondo de quartos e restantes comodidades.

Os países presentes na exposição seguem as regras gerais do jogo da exposição e acrescentam-lhe a da particularidade. Alguns países destacam-se no conjunto pela imagem que impõem à sua presença. Ciente do seu papel, o cônsul de Portugal em Barcelona relata para o Ministério do Comércio e Turismo português as prestações de países terceiros, seleccionando os produtos industriais:

"Os Estados Unidos da América ocupam uma extensão de doze mil metros quadrados. (...) As aportações deste país têm como nota característica a perfeição e a máxima modernização. Podem citar-se em primeiro lugar os automóveis e camiões escolhidos, tanto uns como outros não só entre os modelos e tipos principalmente recomendados pela economia mas também os mais luxuosos e de maior rendimento."

Notabilíssima também a aportação das indústrias eléctricas com as suas aplicações práticas, relacionadas com a iluminação, a radiotelegrafia, o aquecimento, a tracção, a regularização do tráfico, etc., e também os adiantamentos realizados na fabricação de máquinas de escrever, de calcular, produtos e artigos de borracha, válvulas, cabos, etc., etc.

Inglaterra. Grande número de reputados e modernos fabricantes concorrem à Exposição Internacional de Barcelona. Famosa é a solidez e excelência da fabricação inglesa, sendo os produtos que a Inglaterra exibe uma nova prova desta verdade. Caracterizam a secção britânica principalmente pela maquinaria, utensílios e ferramentas de aço, motocicletas, gramofones, artigos de borracha, alimentos patenteados, etc. A secção inglesa ocupa uma superfície de cinco mil metros quadrados.

Holanda. Na secção de Holanda reuniu-se um grande número de expositores seleccionados. (...) Resulta a aportação colectiva dos portos de Amsterdão e Roterdão, junto com as principais companhias de navegação e dos estaleiros dos mencionados portos. Isto responde à necessidade que sente a Holanda de dar a conhecer as facilidades que tem para estabelecer relações com a colónias holandesas e intensificar o intercâmbio comercial, que tantos benefícios pode trazer tanto à Holanda como a Espanha.

Japão. Ao organizar esta secção, a Associação Japonesa de Exposições teve em conta as condições especiais do Japão para atrair os visitantes, pelo que se respira uma verdadeira atmosfera japonesa típica ao entrar na referida secção.

Defronte da entrada vêem-se as portas do Templo de Nara e, ao descer, à esquerda, encontramo-nos na formosa sala Coloong Tea, servida por verdadeiras japonesas, vestindo o típico traje nacional. Nesta secção há uma esplêndida exposição de obras de arte japonesa, antigas e modernas, trazidas por diferentes regiões do Japão. Em trinta e seis stands expõem-se centenas de amostras de diferentes mercadorias japonesas, representando os vários distritos do império nipónico entre os quais se salientam: Iocoama com bordados e quimonos;

Tóquio com marfins lavrados e bronzes; Nagóia com porcelanas; Shizuoka com objectos de charão; Quioto com bordados em seda e *cloisonné*; Osaka com bronzes; Kobe com bronzes e cestarias; Kaga com porcelanas; Tokaoka com chapéus-de-sol e leques; e Nara com objectos diversos.
Afora o indicado também se encontram na secção japonesa objectos de arte chinesa de Cantão, Xangai e Tietsin, tais como xailes, tapetes, bordados de sedas, porcelanas, etc.
Países Orientais. Estes países estão representados dentro de um só local denominado Pavilhão Oriental, em cujo recinto homens e mulheres ataviados com os típicos trajes dos seus respectivos países apresentam e oferecem amostras das suas artes e indústrias. No número destes países encontram-se: Índia, Birmânia, Ceilão, Hong-Kong, Malta, Palestina, Egipto, Pérsia, Turquia, Afeganistão, etc.
Jugoslávia. Na exposição internacional de Barcelona a Jugoslávia tem, a mais do que o seu próprio palácio, diversos stands no Palácio Afonso XIII e obras de arte no Palácio de Arte Moderna. A Jugoslávia com o seu palácio simboliza um dos seus principais produtos de exportação, dando uma ideia da sua força económica, expondo excelentes madeiras, produtos agrícolas, curiosidades etnográficas, minerais, forças hidráulicas, comunicações, turismo e vários ramos da economia nacional.
A Suíça expõe nos seguintes palácios: indústrias têxteis, comunicações e transportes, agricultura e Vitória Eugénia. Constam das suas exposições esplêndida relojoaria, máquinas e aparelhos diversos, máquinas têxteis, géneros de seda artificial e bordados, automóveis e camiões, produtos alimentícios, produtos químicos, pianos, acessórios têxteis, etc., havendo uma representação e magnífica manifestação dos diversos ramos da indústria suíça.
A Suécia trouxe à exposição internacional de Barcelona amostras das sua principais indústrias, tais como a de madeira, pasta de madeira da qual é a principal exportadora da Europa, minerais, máquinas diversas, ferramentas, desnatadoras e material para leitarias, material agrícola, fósforos e outros diversos artigos.
O pavilhão da Roménia, que está num dos pontos mais altos da exposição, é constituído por uma sala de vastas dimensões e construído inteiramente em madeira. A Roménia apresenta diversas manifestações das suas indústrias, comércio, agricultura, assuntos mineiros, sondas de petróleo, artes domésticas, artes aplicadas, arte religiosa, monumentos históricos, material agrícola, arte moderna, teatro, música, desportos, etc.

A Noruega, embora não possa preencher grandes espaços como o fazem outros grandes países industriais, apresenta no entanto bastante do que representam as suas relações comerciais com a Espanha. (...) Mostra as diferentes formas de pesca, preparação e embalagem do bacalhau para exportação, diversas conservas, óleo medicinal, indústria papelaria e celulose, cimento, objectos para desportos, e indústrias metalúrgicas.
A Itália construiu um famoso palácio cujo edifício tem uma estrutura clássica inspirada na arquitectura romana. Ali se apresentam diversas amostras de arte italiana em cerâmicas magníficas, mosaicos, mármores, mobílias de arte, alabastros, damascos, porcelanas, etc.
A Hungria oferece uma variadíssima manifestação das obras características húngaras das artes aplicadas e de produtos de manufactura popular e doméstica. Numa primeira sala admiram-se porcelanas, trabalhos de cerâmica, bordados, trabalhos de coiro, objectos de prata, plásticas em miniatura, etc. Numa segunda sala chama poderosamente a atenção dos visitantes os trajes típicos e os bordados à mão, as cerâmicas e os objectos artísticos. Numa terceira sala apresenta o referente a trabalhos e instrução comercial e artística, tais como mobílias, trabalhos têxteis, tapetes, peles, pratas, objectos de cristal, jóias, etc.
A França traz à Exposição Internacional de Barcelona diversos produtos da sua riqueza agrícola, pastas alimentícias de todas as classes, indústrias açucareiras, bolachas e chocolates, frutas em compota e marmeladas, conservas alimentícias e cervejaria. As principais casas de moda de Paris apresentam toda a classe de confecções, manequins, chapéus, meias, rendas, bordados, mobílias antigas e modernas, lâmpadas, tecidos para decoração, jóias, porcelanas, etc. A indústria do automóvel apresenta uma extensa colecção de automóveis, camiões e autocarros.
A Finlândia tem a sua exposição no Palácio Afonso XIII e apresenta diversas mostras da sua indústria, principalmente do ramo da madeira, da qual tem um grande movimento comercial.
A Dinamarca tem pavilhão próprio onde expõe uma magnífica colecção de quadros modernos, tais como paisagens encantadoras e lindas marinhas da Dinamarca, bem como mobílias típicas do país. Também tem uma secção no Palácio Vitória Eugénia, na qual expõe máquinas agrícolas, tais como batedoras e prensas de pastos, máquinas frigoríficas; modelos de barcos a vapores, artes decorativas, porcelanas, cristais artísticos, cerâmica e conservas, etc.
Os industriais da Checoslováquia há tempos que têm montadas em

Vista geral da Exposição.
O olhar perde-se no panorama.

Espanha instalações de fábricas de cerveja, de açúcar, destilarias bem como fábricas de electricidade. É esta uma razão a mais para que a Checoslováquia prestasse o seu concurso à Exposição Internacional de Barcelona, onde expõe no Palácio Meridional, apresentando cristais de Boémia, pedras semipreciosas, porcelanas, ferro esmaltado, mobílias, etc.
Sabido é que a Bélgica, apesar da reduzida extensão do seu território, ocupa um dos primeiros lugares no que se refere a indústria e comércio, devido à sua magnífica organização e à energia dos seus habitantes, cuja actividade reina em todos os campos da indústria. Na exposição de Barcelona tem palácio próprio, no qual expõe amostras das suas principais indústrias tais como ferro fundido, aço em bruto, zinco em bruto, vidros e os seus famosos cristais, tecidos de algodão e lã, seda artificial, artigos de papel e papelão, metais e produtos de metal, pedras preciosas e semipreciosas, maquinaria, material eléctrico, máquinas agrícolas, ferramentas, cimentos e rendas de Bruxelas e de Bruges, mobílias, calçado, etc. Estão expostos uma grande variedade de automóveis, autocarros, camiões de diversos tipos, motocicletas, bicicletas, pneumáticos, câmaras-de-ar e tudo o que diz respeito a este género de locomoção e transporte.
O concurso da Áustria à Exposição de Barcelona tem por objecto demonstrar que este país produz e fabrica muitos artigos destinados

ao comércio espanhol, tais como máquinas e as suas diversas peças, automóveis, papel e artigos de papel, artigos de coiro, artigos de luxo, artigos de modas, ourivesaria, artigos de prata, cristais, porcelanas, mobílias, etc.
A indústria e o comércio alemães pretendem mostrar perante os círculos industriais e comerciais espanhóis a actual situação de desenvolvimento da economia alemã. O material exposto na Exposição Internacional de Barcelona dá uma ideia aproximada da laboriosidade alemã. No Palácio da Arte Têxtil expõe uma grande colecção de máquinas para fabricar tecidos, meias, rendas, artigos de malha em seda natural e artificial, etc. Em outros diferentes palácios expõe máquinas agrícolas, máquina para fazer calçado, aparelhos de electricidade, anilinas, brinquedos diversos, magníficos objectos de prata, porcelanas da Saxónia e muitos e variados produtos da desenvolvidíssima indústria alemã.■

BIBLIOGRAFIA

– *Crónica de España*, Plaza e Janes Editores, Barcelona, 1989.
– *Crónica de la Técnica*, Plaza e Janes Editores, Barcelona, 1989.
– Donate, Rodolfo Ucha, *50 años de Arquitectura Española I (1900- -1950)*, Adir Editores, 1980, Madrid.
– Grandas, M. Carmen *L'Exposició Internacional de Barcelona de 1929*, Els Libres de le Frontera, 1988, Barcelona.
– Lara, Manuel Tuñón de *La Crise del Estado: Dictadura, República, Guerra, (1923-1939)*, in História de España, ed. Labor, 1981, Barcelona.
– Mendoza, Eduardo *A Cidade dos Prodígios*, Publicações D. Quixote/Círculo de Leitores, 1988, Lisboa.
– Rios, Bernardo Giner de los, *50 años de Arquitectura Española II (1900-1950)*, Adir Editores, 1980, Madrid.
– Relatório Consulado de Portugal em Barcelona para Ministro dos Negócios Estrangeiros, Nº 19 Série B Processo Nº 83/28 (29), 23 de Outubro de 1929, Arquivo Histórico Diplomático Ministério dos Negócios Estrangeiros.
– Relatório Consulado de Portugal em Barcelona para Ministro dos Negócios Estrangeiros, Nº 5 Série B Processo Nº 83/28 (30), de 1 de Fevereiro de 1930, Arquivo Histórico Diplomático Ministério dos Negócios Estrangeiros.
– Diário de Notícias, vários 1929, ano 65.